

## *A generosa rã*

Madame d’Aulnoy

Tradução de Ana Carolina de Freitas<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Brenda Bressan Thomé<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Cristina Moura<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará

Mwewa Lumbwe<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Madame d’Aulnoy foi a criadora do gênero Conto de fadas na França, esta nasceu no século XVII, em 1650, e faleceu em 1705. O livro *Contes Nouveaux ou Les Fées à la Mode tome I* foi publicado em 1698. Neste livro há três contos, “La Princesse Carpillon”, “La Biche au Bois” e o que apresentamos nesta tradução para o português: “La Grenouille Bienfaisante”.

\*\*\*

Era uma vez um rei, que há muito tempo sustentava uma guerra contra seus vizinhos. Depois de várias batalhas, colocaram os militares diante de sua cidade. Ele temeu pela rainha, e vendo-a grávida, pediu para que se retirasse para um castelo que tinha mandado fortificar, e para onde só tinha ido uma vez. A rainha se serviu de preces e de lágrimas para persuadi-lo a deixá-la perto dele; queria compartilhar da sua sorte, e deu gritos intensos enquanto ele a colocava na sua charrete para fazê-la partir. No entanto, ele ordenou aos seus guardas que a acompanhassem, e prometeu escapar o mais secretamente possível para ir vê-la: era uma esperança que ele a dava; pois o castelo era

---

<sup>1</sup> Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anacarolzen9@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: brenadathome@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduada em Língua e Literatura francesa pela Universidade Federal do Pará. E-mail: moura\_cristina@yahoo.fr.

<sup>4</sup> Doutoranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: mwewaster@gmail.com.

muito longe, cercado de uma espessa floresta, e somente aquele que sabia bem os caminhos conseguia chegar lá.

A rainha partiu muito comovida por deixar seu marido em tempos de guerra; a conduziam em pequenas jornadas, com medo que ficasse doente do cansaço de uma longa viagem. Por fim, ela chegou em seu castelo, bem inquieta e bem triste. Depois de ter repousado o suficiente, quis passear nos arredores e não encontrou nada que pudesse diverti-la. Deu uma olhada para todos os lados, via grandes desertos que lhe causavam mais tristeza do que alegria. Ela os olhava tristemente, e às vezes dizia:

— Que comparação entre minha atual estadia e o lugar onde estive por toda minha vida! Se ainda ficar aqui por muito tempo, é necessário que eu morra: com quem falar nestes lugares solitários? Com quem posso calmar minhas inquietudes? O que fiz ao rei para me ver assim exilada? Parece que ele quis me fazer sentir muita decepção por sentir sua falta enquanto me relega a um castelo super desagradável.

Assim ela reclamava, e embora ele lhe escrevesse todos os dias, e lhe desse boas notícias do exército, ela se afligia cada vez mais. Tomou a decisão de voltar para perto do rei, mas como os oficiais que a acompanhavam tinham ordens de só trazê-la de volta no momento em que recebessem uma carta formal, ela não disse suas intenções; e mandou fazer um pequeno transporte, onde só tinha lugar para ela, dizendo que queria ir algumas vezes à caça. Ela mesma conduzia os cavalos, e seguia os cachorros de tão de perto que os condutores de caça seriam mais lentos do que ela: por este meio, tornou-se mestre de seu transporte, e partia quando queria. Só tinha uma dificuldade: não conhecia as estradas da floresta; mas ela acreditava que os deuses a conduziriam em segurança, e depois de ter-lhes feito alguns pequenos sacrifícios, disse que queria que fizessem uma grande caça e que todo mundo viesse, que ela montaria em seu transporte, e que cada um iria por diferentes estradas, para não deixar nenhum lugar às bestas selvagens. Assim, as pessoas se dividiram: a jovem rainha, que acreditava rever logo seu esposo, pegara uma roupa muito interessante; seu chapéu era coberto de plumas de diferentes cores, sua roupa, toda forrada de pedrarias, e sua beleza, que não tinha nada de comum, a fazia parecer uma segunda Diane.<sup>5</sup>

No momento em que as pessoas estavam mais ocupadas com o prazer da caça, ela deixou cair a cela de seus cavalos, e os incitou com a voz e com alguns golpes de chicote. Depois de terem andado rápido o suficiente, pegaram o galope, então

---

<sup>5</sup> Diana, deusa romana da caça. [N. das T]

dispararam. O transporte parecia conduzido pelos ventos, os olhos teriam dificuldade para segui-los; a pobre rainha se arrependeu, mas tarde demais, com medo:

— O que eu pretendia?— dizia ela — Podia eu convir que conduziria sozinha cavalos tão orgulhosos e pouco dóceis? Ah! O que vai acontecer comigo? Ah! Se o rei soubesse do perigo a que estou exposta, como ficaria? Ele que me ama tão ternamente, e que me distanciou da cidade apenas para me colocar em maior segurança; eis como respondi aos seus delicados cuidados, e esta cara criança que carrego no meu seio vai estar tão bem quanto eu, vítima de minha imprudência.

O ar produziu o som das suas dolorosas reclamações; ela invocava os deuses, chamava as fadas a seu socorro. Os deuses e as fadas a tinham abandonado; o transporte tombou, ela não teve força de se jogar rapidamente ao chão, seu pé permaneceu preso entre a roda e o eixo; é fácil acreditar que só um milagre a salvaria depois de um tão terrível acidente.

Por fim ela ficou estendida sobre o chão, ao pé de uma árvore; não tinha nem pulso, nem voz, sua face estava coberta de sangue; seu rosto permaneceu um longo tempo neste estado. Quando abriu os olhos, viu perto de si uma mulher gigantesca, coberta somente com a pele de um leão, seus braços e suas pernas estavam nus, seus cabelos amarrados com uma pele seca de serpente, cuja cabeça pendia sob os ombros. Tinha um taco de pedra na mão, que lhe servia de bengala para se apoiar, e um suporte cheio de flechas ao lado. Uma figura tão extraordinária levou a rainha acreditar que estava morta, pois pensava que depois de um tão grande acidente não poderia ainda estar viva, e disse baixinho:

— Não estou surpresa — disse ela — que tenhamos tanta dificuldade em aceitar a morte, o que se vê no outro mundo é bem horrroso.

A gigante que a escutava não pôde reter uma risada da opinião dela de que estaria morta:

— Reconponha-te — disse-lhe ela — saibas que tu estás ainda entre os vivos: mas tua sorte não será menos triste. Sou a fada Leoa, que mora perto daqui; é necessário que venhas passar tua vida comigo.

A rainha a olhou tristemente, e disse-lhe:

— Se quiserdes, senhora Leoa, levar-me de volta ao meu castelo, e dizer ao rei o que desejas em troca de minha libertação, ele me ama tão ternamente que não se recusaria a dar-vos até a metade de seu reino.

— Não — respondeu-lhe ela — sou rica o suficiente, há algum tempo me aborreço em estar sozinha, tu tens espírito, pode ser que me divirtas.

Terminando de falar, tomou a figura de uma leoa, e carregando a rainha sobre suas costas, levou-a até o fundo de sua terrível gruta, e curou-a com um licor que pressionou sobre seus ferimentos.

Que surpresa e que dor para a rainha de se ver neste horrível momento! Desciam por dez mil degraus que conduziam até o centro da terra; não havia outra luz senão a de várias tochas fortes que refletiam sob um lago de mercúrio. Ele estava coberto de monstros, cujas diferentes figuras teriam espantado uma rainha menos tímida; as corujas machos e fêmeas, alguns corvos e outros pássaros de presságio sinistro se fizeram ouvir; de longe se percebia uma montanha de onde corriam águas quase adormecidas; estas são todas as lágrimas que os infelizes amantes nunca derramaram, e com as quais os tristes amores encheram reservatórios. As árvores estavam sempre descobertas de folhas e de frutas, o chão coberto de plantas, de espinhos eurtigas. A comida convinha ao clima de um país tão maldito; algumas raízes secas, castanhas da Índia e frutos de rosa-canina, isso é tudo que se oferecia para adoçar a fome dos azarados que caíam nas mãos da fada Leoa.

Assim que a rainha se encontrou pronta para trabalhar, a fada disse-lhe que ela poderia fazer uma cabana, porque esta ficaria a vida toda com ela. Com estas palavras, a princesa não teve forças para reter suas lágrimas:

— Ei! O que vos fiz— gritou ela— para que me guardeis aqui? Se o fim da minha vida, que sinto se aproximar, vos causa algum prazer, dai-me a morte, é tudo que ousou esperar de vossa piedade; mas não me condeneis a passar uma longa e deplorável vida sem meu esposo.

A Leoa zombou de sua dor, e disse que a aconselhava a enxugar suas lágrimas, e a tentar agradá-la; que se tomasse uma outra direção, ela seria a pessoa mais infeliz do mundo.

— O que é necessário fazer então — respondeu a rainha — para tocar vosso coração?

— Eu gosto — disse-lhe ela — dos patês de mosca: eu quero que encontre um meio de ter moscas o suficiente para me fazer um grande e excelente patê.

— Mas, — disse-lhe a rainha—, não vejo moscas aqui; e mesmo quando elas estiverem aqui, o ambiente não é claro o suficiente para pegá-las; quando eu as pegar, nunca fiz “pâtisserie”: de maneira que me dais ordens que não posso executar.

— Não importa! — disse a impiedosa Leoa. Eu quero o que eu quero!

A rainha não respondeu nada: pensou que apesar da cruel fada, ela só tinha uma vida para perder, e no estado em que estava, o que poderia temer? Então, no lugar de buscar moscas, sentou-se sob um teixo, e começou com suas tristes reclamações:

— Qual será vossa dor, meu caro esposo — dizia ela— quando vierdes me buscar, e não me encontrardes mais! Me tomaríeis por morta ou infiel, prefiro que choreis a perda da minha vida do que a perda de minha ternura; pode ser que as pessoas encontrem meu transporte em pedaços e todos os ornamentos que peguei para vos agradar na floresta; ao virdes estes destroços, não duvidareis mais da minha morte; e o que farei se derdes à outra a parte que tinha me dado do vosso coração? Mas ao menos não saberei, já que não devo mais retornar ao mundo.

Ela teria continuado muito tempo falando consigo mesma desta maneira, se não tivesse ouvido o triste grasnar de um corvo acima de sua cabeça. Ela levantou os olhos, e com o auxílio da pouca luz que clareava a orla, viu um gordo corvo que segurava uma rã e tinha intenção de abocanhá-la.

— Mesmo que não tenha nada para me consolar — disse ela —, não quero deixar de salvar uma pobre rã, que está tão aflita quanto eu.

Ela pegou o primeiro bastão que tinha à sua frente e fez o corvo derrubar sua presa. A Rã caiu, ficou algum tempo sem saber o que fazer, e ao retomar suas faculdades batráquias, disse:

— Bela rainha, vós sois a única pessoa generosa que vi nestes lugares, desde que a curiosidade me conduziu até aqui.

— Que maravilha! Vós falais, Rãzinha? — respondeu a rainha. E quem são as pessoas que se pode ver por aqui? Pois ainda não encontrei nenhuma.

— Todos os monstros que cobrem o lago — retomou a rãzinha — uma vez estiveram no mundo; uns sobre o trono, outros confidentes de seus soberanos, há até mesmo senhoras de alguns reis, que custaram muito sangue ao estado: são elas que você vê metamorfoseadas em sanguessugas: por algum tempo o destino as envia aqui, para que se corrijam e para que retornem melhores.

— Entendi — disse a rainha — que vários maldosos juntos não ajudam a se corrigir; mas e quanto a vós, minha comadre Rã, o que fazeis aqui?

— A curiosidade me fez vir — respondeu ela —, sou meio fada, meu poder é limitado para certas coisas e muito amplo para outras; se a fada Leoa me reconhecesse com este aspecto, me mataria.

— Como é possível — disse-lhe a rainha — que sendo fada ou meio-fada, um corvo estava prestes a vos comer?

— Duas palavras vos farão entender — respondeu a rã — quando uso meu capuz de rosas sobre a cabeça, não temo nada, já que ele consiste em minha maior virtude. Mas infelizmente eu o tinha deixado no mangue quando este maldito corvo veio atrás de mim: confesso, senhora, que sem vossa ajuda não estaria mais viva, e já que vos devo a vida, se puder fazer algo para vos consolar, ordenai tudo que vos agradar.

— Ah! Minha cara Rã — disse a rainha —, a maldosa fada que me mantém encarcerada quer que eu prepare um patê de moscas, mas não há moscas aqui; quando houver, como não há claridade suficiente, não se enxerga para pegá-las, corro o grande risco de morrer sob seus golpes.

— Deixe-me fazer isso — disse a Rã — antes que seja tarde, eu vos darei as moscas.

Ela esfregou um tanto de açúcar em si, e mais de 6 mil rãs, suas amigas, fizeram o mesmo: em seguida, ela foi para um lugar cheio de moscas; a maldosa fada tinha uma loja, especialmente para atormentar certos infelizes. A partir do momento em que elas sentiram o aroma do açúcar, se agarraram a ele, e as prestativas Rãs voltaram a galope para onde a rainha estava.

Nunca houve uma tamanha captura de moscas nem um melhor patê do que o que ela fez para a fada Leoa. Quando ela o apresentou, a fada ficou muito surpresa, não entendendo onde ela poderia ter conseguido pegá-las.

A rainha, que estava exposta às más condições do ar, pois este estava envenenado, cortou alguns ciprestes para começar a construir sua casinha. A Rã veio lhe oferecer generosamente seus serviços, e se colocando à frente de todas as moscas que lhe tinham auxiliado, ajudaram a rainha a levantar um pequeno prédio, o mais bonito do mundo; mas ela mal tinha deitado ali quando os monstros do lago, com ciúme dela, vieram atormentá-la, e aconteceu um tumulto horrível, como jamais se ouvira até então. Ela levantou-se, toda assustada, e fugiu— pois era o que os monstros pediam. Um dragão, antigo tirano de um dos reinos mais belos do universo, tomou posse da casinha.

A pobre rainha aflita quis reclamar; mas na verdade, eles zombavam dela, os monstros gritaram, e a fada Leoa disse que se no futuro ela lhe incomodasse, bateria nela com extrema violência. Foi necessário calar-se e recorrer à Rã, que era a melhor pessoa do mundo. Elas choraram juntas; pois quando vestia seu capuz de rosas, era capaz de rir e de chorar como qualquer pessoa.

— Eu tenho — disse ela — uma enorme amizade por vós, quero recomeçar vosso prédio, todos os monstros do lago vão se desesperar por ele.

Assim, em pouquíssimo tempo, cortou madeira do bosque e o pequeno palácio da rainha estava pronto, logo esta pôde descansar na mesma noite.

A Rã, atenta a tudo o que era necessário para a rainha, fez-lhe uma cama de serpilho e de tomilho selvagem. Quando a maldosa fada soube que a rainha não se deitava mais sobre o chão, mandou alguém buscá-la:

— Então, quais são os homens ou os deuses que vos protegem? — Disse-lhe ela. Este chão, sempre regado por chuva de ácido sulfúrico e de fogo, nunca deu um produto que valesse uma folha de sálvia; fiquei sabendo, apesar disso, que as ervas perfumadas crescem sob vossos passos!

— Ignoro a causa, senhora — disse-lhe a rainha — e se eu puder atribuir esses feitos à alguma coisa, atribuo à criança que estou esperando, que será talvez menos infeliz que eu.

— A vontade de ter um buquê das flores das mais raras, me toma — disse a fada. Talvez a sorte da vossa jovem criança vos fornecerá as flores; se a sorte faltar, não lhes faltarão golpes, pois os dou com frequência e perfeitamente.

A rainha começou a chorar por causa das ameaças que ouvia e pela impossibilidade de encontrar flores, que a colocava em uma situação de desespero.

Ela deu meia volta e foi para sua casinha; logo apareceu sua amiga Rã:

— Por que estais triste? — perguntou à rainha.

— Ah! Minha cara comadre, o que mais pode ser? A fada quer um buquê das mais belas flores; onde as encontrarei? Vede as que nascem aqui; no entanto, se eu não satisfizer sua vontade, minha vida estará em jogo.

— Amável princesa — disse graciosamente a Rã —, é preciso fazer um esforço para tirá-la da situação embaraçada em que estais: há aqui uma morcego, que é o único com que eu tenho negócios; é uma boa criatura, ele vai mais rápido que eu; eu o darei meu capuz de folhas de rosas.

A rainha lhe fez uma profunda reverência; pois não tinha meios de abraçar a Rãzinha. Esta, no mesmo momento, foi falar com o morcego, e algumas horas depois, voltou escondendo nas asas as flores admiráveis. A rainha entregou-as bem rápido para a malvada fada, que ficou ainda mais surpresa e não pode compreender por qual milagre a rainha estava tão bem servida.

Esta princesa sonhava incessantemente com meios para poder fugir. Ela contou sua vontade à boa Rã, que lhe disse:

— Senhora, permita, antes de tudo, que eu consulte meu pequeno chapéu, e nós agiremos depois, segundo seus conselhos.

Ela o pegou, e tendo-o sobre um raminho de palha, queimou também algumas bagas de zimbros, alcaparras e duas ervilhas verdes; ela cruzou-o cinco vezes. Depois, com a cerimônia terminada, recolocando o chapéu de rosas, começou a falar como um oráculo:

— O destino, mestre de tudo — disse ela — vos impede de sair destes lugares; você terá aqui uma princesa mais bela que a mãe dos amores; não fique abatida; só o tempo pode vos consolar.

A rainha baixou os olhos, algumas lágrimas caíram; mas ela decidiu acreditar em sua amiga:

— Pelo menos— disse-lhe ela — não me abandone, estejais comigo durante e depois do parto, já que estou condenada até-lo aqui.

A honesta rã se comprometeu de ser sua Lucina<sup>6</sup>, e consolou-a o melhor que pôde.

Mas é tempo de falar do rei. Enquanto seus inimigos o tinham cercado na sua cidade, não podia enviar cartas à rainha: no entanto, tendo feito várias saídas, os obrigou a se retirarem, e sentiu bem menos felicidade com este evento do que sentia alegria pela sua cara rainha, a quem ele podia buscar sem temor. Ele ignorava seu desastre, nenhum dos seus oficiais tiveram a ousadia de avisá-lo. Na floresta, eles tinham encontrado o carro em pedaços, os cavalos fugidos, e toda a roupa de Amazona com a qual ela estava vestida para encontrá-lo.

Como eles não duvidaram de sua morte, e acreditaram que ela tinha sido devorada, convenceram-se entre eles e convenceram o rei de que ela tinha morrido subitamente. Com estas notícias funestas, ele mesmo pensou morrer de dor; cabelos arrancados, lágrimas espalhadas, gritos penosos, espasmos respiratórios, suspiros e outros pequenos direitos da viuvez, nada foi poupado nesta ocasião.

Depois de ter passado vários dias sem ver ninguém, e sem querer ser visto, retornou para sua cidade, levando com ele uma longa aflição, que carregava mais no coração do que nas suas roupas. Todos os embaixadores dos reis vizinhos vinham cumprimentá-lo; e depois das cerimônias, que são inseparáveis destes tipos de

---

<sup>6</sup> Nome dado à Diana Lucina, deusa que presidia os partos. [N. das T]



catástrofes, ele se apegou a oferecer descanso aos seus súditos, exonerando-os da guerra oferecendo-lhes grandes negócios.

A rainha ignorava todas essas coisas: o momento do seu parto chegou, elas ficaram muito felizes: o céu lhe deu uma princesinha, tão bela quanto a Rã tinha anunciado. Elas a nomearam Muféte, e a rainha, com muita dificuldade, obteve a permissão da fada Leoa para nutri-la; pois esta tinha uma vontade enorme de comê-la, por ser feroz e bárbara.

Muféte, a maravilha dos seus tempos, já tinha seis meses; e a rainha, olhando-a com uma mistura de ternura e piedade, dizia sem parar:

— Ah! Se o rei teu pai te visse minha pobre pequenina, como ficaria alegre, como tu serias cara a ele! Neste momento, pode ser que ele comece a me esquecer; acredita que estamos enterradas para sempre nos horrores da morte: pode ser, digo eu, que uma outra ocupe no seu coração o lugar que era meu.

Estas tristes reflexões lhe custaram muitas lágrimas: a Rã, que a amava de boa-fé, vendo-a chorar assim, disse-lhe um dia:

— Se quiserdes, senhora, irei encontrar o rei vosso esposo; a viagem é longa; caminho lentamente; mas por fim, mais cedo ou mais tarde, espero chegar.

Essa proposta não podia ser mais agradavelmente recebida do que foi; a rainha juntou suas mãos, e fez o mesmo com as mãos de Muféte para afirmar à senhora Rã a obrigação que teria em começar uma tal viagem. Ela assegurou que o rei não lhe seria ingrato:

— Mas — continuou ela —, de que utilidade poderá ser ele saber da minha triste condição? Será impossível que ele me retire daqui.

—Senhora — retomou a Rã — é preciso deixar isto por conta dos deuses, e fazer a nossa parte, que depende de nós.

No mesmo momento, elas se disseram adeus: a rainha escreveu ao rei com seu próprio sangue sobre um pequeno pedaço de tecido, pois não tinha nem tinta, nem papel. Ela pedia para que ele acreditasse em todas as notícias que a virtuosa Rã daria.

Ela ficou um ano e quatro dias para subir os dez mil degraus que existiam desde a planície negra onde havia deixado a rainha até o mundo, e demorou um outro ano para mandar confeccionar seu transporte, pois era orgulhosa demais para querer aparecer em uma grande corte como uma maldosa Rã de mangues. Ela mandou fazer uma carruagem-leito suficientemente grande para colocar confortavelmente dois ovos; estava toda coberta de casco de tartaruga por fora, forrada com pele de jovens lagartos; tinha

cinquenta damas de honra; eram destas rainhazinhas verdes que saltavam não muito longe; cada uma estava montada em um caracol, com uma cela à inglesa, a perna sobre a armadura com um ar maravilhoso; vários ratos de água, vestidos de pajens, precediam os caracóis, aos quais tinha confiado a guarda de sua pessoa: enfim, nada jamais foi tão bonito, sobretudo seu chapéu de rosas maravilhosas, sempre frescas e abertas, ele lhe caía muito bem, era o melhor do mundo. Ela estava um pouco vaidosa com a sua tarefa, isso a tinha obrigado a colocar rouge e sinais de beleza; disseram mesmo que ela estava maquiada como a maioria das damas deste país; mas de uma maneira mais aprofundada, via-se que eram seus inimigos que falavam assim.

Ela ficou sete anos viajando enquanto a pobre rainha sofria de males e de tristezas indescritíveis; e sem a bela Muféte, que a consolava, estaria morta cem vezes. Essa maravilhosa criaturinha não abria a boca, e não dizia uma só palavra que não exercesse um charme sobre sua mãe, ela tinha cativado até a fada Leoa, e ao completar 6 anos que a rainha estava neste horrível lugar, quis muito conduzi-la à caça, sob a condição de que tudo o que matasse seria para ela.

Que alegria para a pobre rainha poder rever o sol! Tinha perdido totalmente o hábito, pensou que ficaria cega. Quanto à Muféte, ela tinha tanta habilidade que, aos cinco ou seis anos, nada escapava aos golpes que desferia; por este meio, mãe e a filha acalmavam um pouco a selvageria da fada.

A Rãzinha caminhava por montes e vales, dia e noite; enfim chegou perto da cidade onde o rei estava, ficou surpresa ao ver por toda parte apenas danças e refeições de festa, as pessoas riam, cantavam; e quanto mais se aproximava da cidade, mais encontrava alegria e satisfação. Seu transporte estava cheio de lama do pântano, o que surpreendia todo mundo. Todos a seguiam; e a loucura tornou-se tão grande quando entrou na cidade, que teve dificuldade para chegar até o palácio: neste lugar, tudo era luxo.

O rei, viúvo há nove anos, por fim tinha se deixado curvar às súplicas de seus súditos: na verdade ia se casar com uma princesa menos bela que sua esposa, mas que não deixava de ser bem agradável.

A boa Rã, tendo descido de sua carruagem, entrou na casa do rei, seguida de todo seu grupo de pessoas. Não precisou pedir uma audiência ao monarca, pois ele, sua noiva e todos os príncipes tinham muita vontade de saber o assunto de sua vinda para interrompê-la:

— Senhor — disse ela —, não sei se a notícia que vos trago dará alegria ou tristeza; o casamento que estais a ponto de realizar me leva a crer que sois infiel à vossa rainha.

— Sua lembrança me é sempre cara, disse o rei (derramando algumas lágrimas que não pôde reter): mas é necessário que saiba, gentil Rã, que os reis não fazem sempre o que querem; há nove anos que meus súditos dizem para que me case de novo, eu lhes devo herdeiros: assim, olhei para esta jovem princesa que me pareceu muito charmosa.

— Eu não vos aconselho a casar com ela, pois a poligamia é um caso condenável: a rainha não está morta; eis uma carta escrita de seu sangue, e foi ela quem me encarregou de entrega-la: vós tendes uma princesinha, Muféte, que é mais bela que todos os céus juntos.

O rei pegou o velho tecido no qual a rainha tinha escrito algumas palavras, beijou-o, regou-o com suas lágrimas, fez com que toda a reunião de pessoas o visse, dizendo que nele reconhecia muito bem o caráter de sua esposa. Fez mil perguntas à Rã, às quais ela respondeu com tanto espírito quanto vivacidade.

A princesa noiva, e os embaixadores, encarregados de celebrar seu casamento, faziam contorções feias:

— Como, senhor — disse o mais famoso entre eles — podeis acreditar nas palavras de uma perereca como essa aqui e romper assim um himeneu tão solene? Essa espuma de mangue tem a insolência de vir mentir sob vossa corte e experimentar o prazer de ser escutada!

— Senhor Embaixador — respondeu a Rã —, saiba que não sou espuma de mangue, e já que é necessário aqui expor minha ciência, vamos fadas e féos<sup>7</sup>, apareçam.

Todas as rãzinhas, ratos, caracóis, lagartos e ela liderando, apareceram, de fato; mas eles não tinham a figura destes pequenos vis animais, o tamanho deles era altivo e majestoso, o rosto agradável, os olhos mais brilhantes que as estrelas, cada um trazia uma coroa de pedrarias sobre a cabeça, e sobre seus ombros, um manto real de veludo forrado de pele de arminho, com uma longa cauda, que anões e anãs carregavam. Ao mesmo tempo, eis que se ouvem trompetes, timbales, oboés e tambores que rompem as nuvens com sons agradáveis e guerreiros: todas as fadas e fados começaram um balé tão levemente dançado que o menor salto de alegria os carregava até o cume do salão. O rei

---

<sup>7</sup> Neologismo para “Fados”. Entidades fadas masculinas. Pode ser derivado do radical FÉ, de fadas + o sufixo -Us greco-latino = féus, e pensando em manter a sonoridade clássica, a autora trocou para -Os = Féos, dessa forma teríamos fados. [N. das T]

atento e a futura rainha estavam um mais surpreso do que o outro, quando de repente viram estes honoráveis saltimbancos metamorfoseados em flores, que não arlequinavam<sup>8</sup> menos: eram jasmims, narcisos, violetas, cravos e tuberosas que estavam equipados de pernas e de pés. Era um público animado, e todos os movimentos divertiam tanto o olfato quanto a visão.

Um instante depois, as flores desapareceram; várias fontes tomaram o lugar delas; subiram rapidamente, e caíram novamente em um largo canal que se formou no pé do castelo; ele estava coberto de barquinhos pintados e dourados, tão bonitos e tão desejáveis que a princesa convidou seus embaixadores para entrar neles para passear. Eles a queriam muito, e assim o fizeram, compreendendo que tudo isso era um jogo que terminaria em um casamento feliz.

A partir do momento em que eles embarcaram, os barquinhos, o rio e todas as fontes desapareceram; as rãs se tornaram rãs. O rei perguntou onde estava a princesa; a Rã respondeu:

— Senhor, vós não deveis ter outra esposa que não seja a rainha; se eu fosse menos amiga dela, não me preocuparia com o casamento que estava a ponto de se realizar, mas ela tem tanto mérito, e vossa filha Muféte é tão amável, que não deveis perder nem mais um momento para tentar libertá-las.

— Eu vos confesso, senhora Rã — disse o rei —, que se não acreditasse que minha mulher está morta, faria o impossível para revê-la.

— Depois das maravilhas que fiz diante de vós, respondeu ela, parece que vós deveríeis estar convencido do que eu vos disse: deixe vosso reino com todas as ordens; e não atrasai para partir. Eis um anel que vos dará os meios de ver a rainha, e de falar com a fada Leoa, embora ela seja a mais terrível criatura que exista no mundo.

O rei não querendo mais a princesa que lhe era destinada, sentiu que sua paixão por ela enfraquecia muito e que, pelo contrário, o que ele tinha sentido pela a rainha tomava novas forças.

Ele partiu sem querer ser acompanhado por ninguém, e deu presentes muito bons à Rã:

— Não vos desencorajeis — disse-lhe ela —, vós tereis terríveis dificuldades para vencer; mas espero que tenhais êxito no que desejais.

---

<sup>8</sup> Dançar como arlequim. [N. das T]

O rei, consolado por suas promessas, não tomou outro guia além de seu anel para ir encontrar sua cara rainha. À medida que Muféte crescia, sua beleza se acentuava muito, todos os monstros do lago de mercúrio se apaixonaram; viam-se dragões, com uma figura espantosa, que vinham rastejar a seus pés. Por mais que ela sempre os tivesse visto, seus belos olhos não podiam acostumar-se, fugia e se escondia para os braços de sua mãe:

— Ficaremos muito tempo aqui? — Dizia-lhe ela. Nossas infelicidades não terminarão?

A rainha dava-lhe esperanças para consolá-la; mas no fundo não tinha nenhuma; o distanciamento da Rã, seu profundo silêncio, com tanto tempo passado sem ter nenhuma notícia do rei; tudo isso, digo eu, a afligia em excesso.

A fada Leoa se acostumou pouco a pouco a levá-las para a caça, era gulosa, gostava dos animais de caça que elas matavam, e como recompensa, dava para elas os pés ou a cabeça; mas já era suficiente dar-lhes a permissão de receber a luz do dia. Esta fada tomava a figura de uma leoa, a rainha e sua filha se sentavam sobre ela, e assim corriam pelas florestas.

O rei, conduzido pelo seu anel, tinha parado em uma floresta, as viu passar rápido como um risco, ele não foi percebido, mas querendo segui-las, viu-as desaparecerem absolutamente aos seus olhos.

Apesar das contínuas tristezas da rainha, sua beleza não tinha sido alterada; ela lhe pareceu mais amável do que nunca. Todos seus sentimentos se iluminaram de novo; e não duvidando que a jovem princesa que estava com ela fosse sua cara Muféte, resolveu antes morrer mil vezes do que abandonar o projeto de revê-las.

O diligente anel o conduziu na obscura residência onde estava a rainha há tantos anos: ele não estava mediocrementemente surpreso por descer até o fundo da terra, mas tudo o que viu surpreendeu-o bem mais. A fada Leoa, que não ignorava nada, sabia o dia e a hora que ele devia chegar: o que ela não teria feito para que o destino inteligente tivesse ordenado de uma outra maneira? Mas ela resolveu ao menos combater com seu poder total.

Ela construiu, no meio do lago de mercúrio, um palácio de cristal que vagava como a onda; trancou ali novamente a pobre rainha e sua filha; depois fez um sermão para todos os monstros que estavam apaixonados por Muféte:

— Vós perdereis esta bela princesa — disse-lhes ela — se não vos interessarem comigo por defendê-la de um cavaleiro que vem sequestrá-la.

Os monstros prometeram não negligenciar nada do que podiam fazer; cercaram o palácio de cristal; os mais leves se colocaram sobre o teto e sobre os muros, os outros às portas, e o resto no lago.

O rei, aconselhado pelo fiel anel, primeiramente foi à caverna da fada; ela o esperava sob a figura de Leoa. A partir do momento que ele apareceu, ela se jogou para cima dele: ele colocou a espada na mão com um valor que ela não tinha previsto; e quando ela alongava sua pata para jogá-lo no chão, ele a cortou na articulação, justamente no cotovelo. Ela deu um grito intenso e caiu. Aproximou-se dela, colocou o pé sobre a sua garganta, jurou pela sua fé que ia matá-la; e apesar de sua imortal fúria, ela não deixou de ter medo.

— O que queres de mim? — Disse-lhe ela. O que me pedes?

— Quero te punir — respondeu ele orgulhosamente — por ter pego à força minha esposa; e quero te obrigar a devolvê-la, ou te estrangularei daqui a pouquinho.

— Dá uma olhada para o lago — disse ela — vejas se ela está em meu poder.

O rei olhou para o lado que ela mostrava, viu a rainha e sua filha no castelo de cristal que vagava sem rumo e sem leme, como um barco, sobre o mercúrio.

Ele pensou morrer de alegria e de dor: chamou-as com toda sua força, e foi escutado; mas como se juntar a elas? Enquanto ele procurava um meio, a fada Leoa desapareceu.

Ele corria ao longo das margens do lago: quando estava de um lado, pronto para entrar no palácio transparente, via-o se distanciar com uma rapidez atroz; e as esperanças morriam. A rainha, que temia que no fim ele se deixasse perecer, gritava para que não perdesse a coragem, que a fada Leoa queria cansá-lo; mas que um verdadeiro amor não pode ser desencorajado por nenhuma dificuldade. Quanto a isso, ela e Muféte lhe estendiam as mãos, de maneira suplicante. Com esta visão, o rei se sentava e tomava novos traços; ele aumentava a voz, jurava por Estige e Aqueronte que poderia passar o resto de sua vida nesse triste lugar, mas que não partiria sem elas.

Era necessário que ele fosse capaz de uma enorme perseverança: passava tão mal seu tempo que o maior rei do mundo — a terra — cheia de amoras selvagens e coberta de espinhos, lhe servia de cama; ele só comia frutas selvagens, mais amargas do que fel, sem interromper os combates contra os monstros do lago. Um marido que tem essa conduta para recuperar sua esposa com certeza pertence ao tempo das fadas, e seu comportamento tem a marca da época do meu conto.

Passaram-se três anos sem que o rei conseguisse tirar nenhuma vantagem; estava desesperado; tomou cem vezes a decisão de se jogar no lago; e teria o feito se tivesse podido enxergar esse último golpe como um remédio para as tristezas da rainha e da princesa. Como de costume, ele corria, tanto de um lado, quanto de outro, até que um dragão horrível o chamou e disse-lhe:

— Se quiserdes jurar pela vossa coroa e pelo vosso cetro, pelo vosso manto real, pela vossa esposa e vossa filha, que me dareis um certo pedaço de comida, da qual gosto muito, quando eu tiver vontade e vos pedir, vou pegar-vos sobre minhas asas, e apesar de todos os monstros que cobrem este lago, e que guardam este castelo de cristal, eu vos prometo que retiraremos a rainha e a princesa Muféte.

— Ah! Caro dragão de minha alma — gritou o rei —, eu vos juro, e por toda vossa espécie draconiana, que vos darei de comer até vos saciar e que ficarei para sempre como vosso pequeno servo.

—Não vos comprometais— respondeu o dragão—, se não estais com vontade de me dar sua palavra; pois aconteceriam infelicidades tão grandes, que vos lembraríeis pelo resto de sua vida.

O rei aumentou em dobro seus protestos; estava morrendo de impaciência para livrar sua cara rainha; subiu nas costas do dragão, como teria feito com o mais belo cavalo do mundo. Ao mesmo tempo, os monstros vieram ao encontro dele para parar a passagem; lutaram, só se escutava o barulho agudo das serpentes, se via fogo, enxofre e nitrato caírem em desordem: por fim, o rei chega ao castelo; os esforços se renovam. Morcegos, corujas, corvos, todos na defesa da entrada; mas o dragão com suas garras, seus dentes e seu rabo, colocou em pedaços os mais ousados. A rainha, que via pelo seu lado a grande batalha, quebra seus muros com um chute, deixando-os em pedaços, faz armas para ajudar seu caro marido; por fim venceram, juntaram-se, e o encantamento acabou com um trovão que caiu no lago e secou-o.

O diligente dragão tinha desaparecido como todos os outros; e sem que o rei pudesse adivinhar por qual meio tinha sido transportado para sua cidade, se encontrou nela com a rainha e Muféte, sentado em um salão magnífico, diante de uma mesa deliciosamente servida. Ele nunca tinha sentido nem uma surpresa e nem uma alegria parecida com essa. Todos os súditos galoparam para ver a sua soberana e a jovem princesa, que por um milagre, estava tão magnificamente vestida que sentia dificuldades para sustentar tantas pedrarias.

É fácil imaginar que todos os prazeres ocuparam essa bela corte: faziam desfiles de pessoas mascaradas, corridas de anel, torneios, que atraíam os maiores príncipes do mundo; e os belos olhos de Muféte faziam parar a todos. Entre os que apareceram, entre os mais bonitos e os mais hábeis, o príncipe Mufí levou vantagem. Por todo lugar sós e ouviam aplausos; todos o admiravam, e a jovem Muféte, que tinha estado até então com as serpentes e os dragões do lago, não pode deixar de dar mérito a Mufí; nenhum dia se passava sem uma cortesia para agradá-la, pois ele a amava apaixonadamente; e colocando-se em posição de estabelecer suas pretensões, fez com que o rei e a rainha conhecessem seu pequeno principado, que era de uma beleza e de uma extensão que merecia uma atenção muito particular.

O rei disse-lhe que Muféte tinha liberdade para escolher um marido, e que ele não queria forçá-la a nada, que teria que trabalhar para agradá-la, que este era o único meio de ser feliz. O príncipe ficou feliz com a resposta, pois soube anteriormente em vários encontros com a princesa, que ela não lhe era indiferente. Enfim explicou-se para ela, que lhe disse que se ele não fosse seu esposo, não teria nunca um outro. Mufí, transbordando de alegria, jogou-se aos seus pés, e suplicou para que lembrasse da palavra que ela lhe dava.

Logo ele correu para o aposento do rei e da rainha; deu conta dos progressos que seu amor tinha feito em Muféte, e suplicou para que não mais atrasassem sua felicidade. Eles consentiram com prazer. O príncipe Mufí tinha tantas qualidades, que somente ele parecia ser digno de possuir a maravilhosa Muféte. O rei quis muito noivá-los antes que o príncipe retornasse à Mufí, onde era obrigado a ir para dar as ordens para seu casamento; mas ele não teria nunca partido sem a segurança de ser feliz quando voltasse. A princesa Muféte não pôde lhe dizer adeus sem espalhar muitas lágrimas; tinha pressentimentos que a afligiam; e a rainha, vendo o príncipe abatido de dor, deu-lhe o retrato de sua filha, pedindo, pelo amor de todos eles, que a entrada que ordenaria fosse magnífica, e que não se atrasasse para voltar. Ele lhe disse:

— Senhora, nunca tive tanto prazer em vos obedecer; meu coração está ocupado demais para que esqueça o que me deixa feliz.

Ele partiu a galope; e a princesa Muféte, esperando seu retorno, preenchia seu tempo com música e instrumentos que tinha aprendido a tocar há alguns meses, e que tocava maravilhosamente bem. Um dia, quando estava no aposento da rainha, o rei entrou, o rosto todo coberto de lágrimas, pegou sua filha em seus braços:

— Ó! Minha criança! — Gritou ele. Ó! Pai azarado! Ó! Infeliz rei!



Ele não pôde dizer mais: os suspiros cortaram o fio que restava de sua voz; a rainha e a princesa, espantadas, perguntavam o que ele tinha. Por fim, disse-lhes que acabara de chegar um gigante de uma grandeza desmedida, que se dizia embaixador do dragão do lago, o qual, seguindo a promessa que tinha exigido do rei para ajudar a combater e a vencer os monstros, exigia a princesa Muféte afim de fazer patê dela. Dizia que o rei tinha se compromissado por juramentos catastróficos a dar tudo o que ele queria; e naquele momento não tinha como faltar com sua palavra.

A rainha, ao ouvir estas tristes notícias, deu gritos atrozes e apertou a princesa entre seus braços:

— Preferia que me arrancassem a vida — disse ela— do que entregar abertamente minha filha a este monstro; que ele pegue vosso reino e tudo o que possuímos. Pai desnaturado, poderíeis concordar com uma tão grande barbárie? O quê! Minha criança seria transformada em patê? Ah! Não posso suportar esse pensamento: enviem-me este bárbaro embaixador; pode ser que minha aflição o toque.

O rei não respondeu nada: foi falar com o gigante, e depois o conduziu até a rainha, que se jogou aos seus pés, ela e sua filha, pedindo para que tivesse piedade delas e para que tentasse convencer o dragão a pegar tudo que tinham, assim salvando a vida de Muféte. Mas ele lhes respondeu que isso não dependia dele, e que o dragão era obstinado e guloso demais; que enquanto ele tinha na cabeça a ideia de comer um bom pedaço, todos os deuses juntos não reduziriam sua vontade e que lhes aconselhava, como amigo, a fazerem a coisa toda de bom grado, porque senão poderiam ainda ter maiores infelicidades. Com estas palavras, a rainha desmaiou, e a princesa teria feito o mesmo se não fosse necessário que socorresse sua mãe.

Foram estas notícias que se espalharam rapidamente pelo palácio e pela cidade toda, as pessoas só escutavam choros e gemidos, pois Muféte era adorada. O rei não podia aceitar entregá-la ao gigante; que já tinha esperado vários dias e começava a perder a paciência, ameaçando-os de maneira terrível. No entanto, o rei e a rainha diziam:

— O que pode acontecer de pior? Quando o dragão do lago vier nos devorar, não estaremos mais aflitos; se fizerem patê da nossa Muféte, estamos perdidos.

Lá de cima, o gigante disse-lhes que tinha recebido notícias de seu mestre, e que se a princesa quisesse casar com um sobrinho seu, consentiria em deixá-la viver; que de resto, este sobrinho era belo e bem feito, era príncipe, e ela poderia viver mais contente com ele.

Essa proposta acalmou um pouco a dor de suas majestades. A rainha contou-a para a princesa, mas ao fim, achou-a muito mais distante da ideia desse casamento do que da ideia da morte:

— Não sou capaz — disse-lhe ela —, senhora, de conservar minha vida por uma infidelidade; vós me prometestes ao príncipe Mufí, eu não serei de nenhum outro: deixe-me morrer: o fim da minha vida garantirá repouso à vossa.

O rei surgiu: ele disse à filha tudo de mais terno que se possa imaginar: ela ficou fechada em seus sentimentos, e para concluir, ficou resolvido que ele a conduziria ao alto de uma montanha, onde o dragão do lago deveria vir pegá-la.

As pessoas prepararam tudo para esse triste sacrifício, nem os de Ifigênia e de Psiquê foram tão sinistros. Só se viam roupas pretas, rostos pálidos e consternados. Quatrocentas jovens garotas de grandes qualidades vestiram-se com longas roupas brancas, e coroaram-se de ciprestes para acompanhá-la: as pessoas carregavam-na em uma carruagem-leito de veludo preto descoberto, afim de que todo mundo visse essa obra prima dos deuses. Seus cabelos estavam dispersos sobre seus ombros, amarrados por tecido de crepe, e a coroa que tinha sobre a cabeça era de jasmim, misturada com algumas calêndulas. Ela só parecia tocada pela dor do rei, que estava na mais profunda tristeza: o gigante, armado com todas as peças, andava ao lado da carruagem-leito onde estava a princesa; e a olhava com um olhar cobiçante, parecia que tinha certeza de que comeria sua parte; o ar ressoava suspiros e choros; o caminho estava incendiado pelas lágrimas que se espalhavam.

— Ah! Rã, Rã — gritava a rainha —, você me abandonou! Ah! Porque me destes vosso socorro na sombra da colina e me negais neste momento? Como eu ficaria feliz de estar morta, então! Não veria hoje todas as minhas esperanças morrerem! Não veria, disse eu, minha cara Muféte a ponto de ser devorada.

Enquanto ela fazia suas queixas, as pessoas continuavam a avançar, andava-se lentamente; e por fim, se encontraram no alto da fatal montanha. Nesse lugar os gritos e as lamentações redobravam com uma enorme força; o gigante convidou todo mundo para dizer adeus e se retirar. Era necessário fazê-lo, pois naquele tempo as pessoas eram muito simples, e não se procurava remédio para nada.

O rei e a rainha estando distanciados, subiram em uma outra montanha, com toda sua corte, porque podiam ver de lá o que ia acontecer à princesa. De fato, não passou muito tempo antes que vissem no ar um dragão que tinha perto de meia-légua de comprimento; mesmo tendo seis grandes asas, quase não podia voar, pois seu corpo era

pesado, todo coberto de grossas escamas azuis e de longos espinhos ardentes. Sua cauda media cinqüenta torres e meia; cada uma de suas garras era do tamanho de um moinho de vento, e na sua goela larga, viam-se três filas de dentes, tão longos quanto os de um elefante.

Mas, enquanto ele avançava pouco a pouco, a cara e fiel Rã, montada em um gavião-da-Europa, voou rapidamente em direção ao príncipe Mufí. Ela tinha seu chapéu de rosas; e embora ele estivesse fechado em seus aposentos; ela entrou sem ter a chave:

— O que fazeis aqui, amante azarado? — disse-lhe ela. Sonhais com as belezas de Muféte, que está neste momento exposta à mais rigorosa catástrofe. Eis então uma folha de rosa: soprando em cima dela, eu crio um cavalo raro, como vereis.

Logo apareceu um cavalo todo verde; tinha doze pés e três cabeças; uma soltava fogo, a outra bombas, e a última, bolas de canhão. A rã deu ao príncipe uma espada que tinha dezoito metros de comprimento, e que era mais leve do que uma pluma; revestiu-o com um só diamante, no qual ele entrou como em uma roupa, e mesmo que fosse mais duro que um rochedo, era tão maleável que não incomodava nada:

— Parti — disse-lhe ela — correi, voai em defesa de quem vós amais; o cavalo verde que vos dou conduzirá até onde ela está, quando a tiverdes libertado, faça-a saber da parte que eu tenho nisso.

— Generosa fada — gritou o príncipe —, neste momento não posso testemunhar todo meu reconhecimento; mas me declaro para sempre vosso escravo fiel.

Ele subiu sobre o cavalo com três cabeças, logo se colocou a galopar com seus doze pés, e foi mais rápido do que três dos melhores cavalos, de maneira que chegou em pouco tempo no alto da montanha, onde viu sua cara princesa totalmente sozinha, e o horrível dragão que se aproximava lentamente. O cavalo verde se pôs a soltar fogo, bombas, e bolas de canhão que não surpreenderam mediocrementemente o monstro; ele recebeu vinte golpes destas bolas na garganta, que cortaram um pouco as suas escamas; e as bombas cegaram um de seus olhos. Ele ficou furioso, e quis se jogar sobre o príncipe; mas a espada de dezoito metros era de uma qualidade tão boa, que a utilizava como queria, fincando-anele algumas vezes até a guarda, ou se servindo dela como um chicote. O príncipe não teria evitado as suas garras sem a roupa de diamante, que era impenetrável.

Muféte o tinha reconhecido de longe, pois o diamante que o cobria era muito brilhante e claro, de maneira que ela foi tomada pela mais mortal apreensão que uma amante pudesse ser capaz; mas o rei e a rainha começaram a sentir em seus corações

alguns raios de esperança, pois era extraordinário ver um cavalo com três cabeças e doze pés, que soltava fogo e flamas, e um príncipe forrado de diamantes, armado com uma espada formidável, vindo em um momento de tanta necessidade combater com tanto ardor. O rei colocou seu chapéu sobre sua bengala, e a rainha ligou um lenço seu na ponta de um bastão para fazerem sinais ao príncipe e encorajá-lo. Na verdade, não era necessário, pois seu coração e o perigo em que via sua amante o motivavam o suficiente.

Quais esforços ele não fez! O chão estava coberto de espinhos, de garras, de chifres, asas e de escamas do dragão; seu sangue corria por mil lugares, era todo azul; e o do cavalo, todo verde; o que fazia um tom singular sobre o chão. O príncipe caiu cinco vezes, ele se levantava sempre, tomava seu tempo para subir de novo no seu cavalo, e depois havia uma série de golpes de canhão e fogo grego como nunca antes visto: por fim o dragão perdeu suas forças e caiu. O príncipe deu um soco na barriga dele e fez uma ferida terrível. As pessoas tinham dificuldade em acreditar, no entanto é tão verdade quanto o resto do conto: saiu por essa larga ferida um príncipe. O mais belo e o mais charmoso que já se tinha visto; sua roupa era de veludo azul com um fundo de ouro, todo bordado de pérolas; ele tinha sobre a cabeça um pequeno elmo grego, coberto de plumas brancas. Ele veio precipitadamente com os braços abertos, beijar o príncipe Mufi:

— O que eu não vos devo, meu generoso libertador! — disse-lhe. Vós acabais de me conceder liberdade da mais abominável prisão, na qual um soberano nunca poderia ter sido trancado. Eu tinha sido condenado pela fada Leoa: por 16 anos defínhei ali, e seu poder era tal que, contra minha própria vontade, ela me forçava a devorar esta bela princesa: conduzi-me aos seus pés, para que eu explique minha infelicidade.

O príncipe Mufi, surpreso e encantado por uma aventura tão surpreendente, não quis ceder em nada às civilidades deste príncipe; apressou-se em se juntar à bela Muféte, que por sua vez, dava mil graças aos deuses por uma felicidade tão inesperada.

O rei, a rainha e toda corte já estavam perto dela; todos falavam ao mesmo tempo, ninguém se escutava, quase choravam tanto de alegria quanto tinham chorado de dor. Por fim, para que nada faltasse à festa, a boa Rã surgiu no céu, montada sobre um gavião-da-Europa que tinha sinos de ouro aos pés. Enquanto as pessoas ouviam o blim-blém, cada um levantou seus olhos; viam brilhar o chapéu de rosas como um sol, e a Rã estava tão bela quanto a aurora. A rainha avançou em direção a ela, e pegou-a por uma

de suas patinhas; logo a sábia Rã se metamorfoseou, e apareceu como uma grande rainha; seu rosto era o mais agradável do mundo:

— Eu venho — gritou ela — para coroar a fidelidade da princesa Muféte. Ela preferiu expor sua vida do que mudar; este exemplo é raro no século em que estamos, mas será ainda mais nos séculos vindouros.

Logo, ela pegou duas coroas de murta, colocou-as sobre a cabeça dos dois amantes que se amavam, e batendo três vezes, como por encanto, viram que todos os ossos do dragão subiram e formaram um arco de triunfo em memória da grande aventura que acabara de acontecer.

Depois, essa bela e numerosa trupe foi em direção à cidade, cantando músicas de casamento e união com tanta alegria quanto tinham celebrado tristemente o sacrifício da princesa. O casamento deles só foi adiado até o dia seguinte, é fácil imaginar a alegria que os acompanhou.

Fim

### **La Grenouille bienfaisante – Madame D’Aulnoy**

Il étoit une fois un roi, qui soutenoit depuis long-temps une guerre contre fes voisins. Après plusieurs batailles, on mit le siège devant sa ville capitale; il craignit pour la reine, & la voyant grosse, il la pria de se retirer dans un château qu'il avoit fait fortifier, & où il n'étoit jamais allé qu'une fois. La reine employa les prières & les larmes pour lui persuader de la laisser auprès de lui; elle vouloit partager sa fortune, & jeta les hauts cris lorsqu'il la mit dans son chariot pour la faire partir; cependant il ordonna à ses gardes de l'accompagner, & lui promit de se dérober le plus secrètement qu'il pourroit, pour l'aller voir : c'étoit une espérance dont il la flattoit; car le château étoit fort éloigné, environné d'une épaisse forêt, & à moins d'en savoir bien les routes, l'on n'y pouvoit arriver.

La reine partit, très-attendrie de laisser son mari dans les périls de la guerre; on la conduisoit à petites journées, de crainte qu'elle ne fut malade de la fatigue d'un si long voyage; enfin elle arriva dans son château, bien inquiète & bien chagrine. Après qu'elle se fut assez reposée, elle voulut se promener aux environs, & elle ne trouvoit rien qui pût la divertir; elle jetoit les yeux de tous côtés; elle voyoit de grands déserts qui lui

donnoient plus de chagrins que de plaisirs; elle les regardoit tristement, & disoit quelquefois : Quelle comparaison du séjour où je suis, à celui où j'ai été toute ma vie ! Si j'y reste encore long-temps, il faut que je meure: à qui parler dans ces lieux solitaires ? Avec qui puis-je soulager mes inquiétudes, & qu'ai-jefait au roi pour m'avoir exilée? Il semble qu'il veuille me faire ressentir toute l'amertume de son absence, lorsqu'il me relègue dans un château si désagréable.

C'est ainsi qu'elle se plaignoit; & quoiqu'il lui écrivit tous les jours, & qu'il lui donnât de fort bonnes nouvelles du siège, elle s'affligeoit de plus en plus, & prit la résolution de s'en retourner auprès du roi, mais comme les officiers qu'il lui avoit donnés, avoient ordre de ne la ramener que lorsqu'il lui enverroit un courrier exprès, elle ne témoigna point ce qu'elle méditoit, & fe fit faire un petit char, où il n'y avoit place que pour elle, disant qu'elle vouloit aller quelquefois à la chasse. Elle conduisoit elle-même les chevaux, & suivoit les chiens de si près, que les veneurs alloient moins vite qu'elle : par ce moyen elle se rendoit maîtresse de son char, & de s'en aller quand elle voudroit. Il n'y avoit qu'une difficulté, c'est qu'elle ne savoit point les routes de la forêt; mais elle se fiait que les dieux la conduiroient à bon port; & après leur avoir fait quelques petits sacrifices, elle dit qu'elle vouloit qu'on fît une grande chasse, & que tout le monde y vînt, qu'elle monteroit dans son char, que chacun iroit routes, pour ne laisser aucune retraite aux bêtes sauvages. Ainsi l'on se partagea: la jeune reine, qui croyoit revoir bientôt son époux, avoit pris un habit très-avantageux; sa capeline étoit couverte de plumes de différentes couleurs, sa veste toute garnie de pierreries, & sa beauté, qui n'avoit rien de commun, la faisoit paroître une seconde Diane.

Dans le temps qu'on étoit le plus occupé du plaisir de la chasse, elle lâcha la bride à ses chevaux, & les anima de la voix & de quelques coups de fouet. Après avoir marché assez vite, ils prirent le galop, & ensuite le mors aux dents, le chariot sembloit traîné par les vents, les yeux auroient eu peine à le suivre; la pauvre reine se repentit, mais trop tard, de sa témérité : qu'ai-je prétendu, disoit-elle ? Me pouvoit-il convenir de conduire toute seule des chevaux si fiers & si peu dociles ? Hélas ! Que va-t-il m'arriver? Ah! Si le roi me croyoit exposée au péril où je suis, que deviendrait-il, lui qui m'aime si chèrement, & qui ne m'a éloignée de sa ville capitale, que pour me mettre en plus grande sûreté; voilà comme j'ai répondu à ses tendres soins, & ce cher enfant que je porte dans mon sein, va être aussi-bien que moi la victime de mon imprudence. L'air retentissoit de ses douloureuses plaintes; elle invoquoit les dieux, elle appeloit les fées à son secours, & les dieux & les fées l'avoient abandonnée: le chariot fut renversé, elle

n'eut pas la force de se jeter assez promptement à terre, son pied demeura pris entre la roue & l'effieu; il est aisé de croire qu'il ne falloit pas moins qu'un miracle pour la sauver après un si terrible accident.

Elle resta enfin étendue sur la terre, au pied d'un arbre; elle n'avoit ni pouls ni voix, son visage étoit tout couvert de sang; elle étoit demeurée long-temps en cet état; lorsqu'elle ouvrit les yeux, elle vit auprès d'elle une femme d'une grandeur gigantesque, couverte seulement de la peau d'un lion; ses bras & ses jambes étoient nus, ses cheveux noués ensemble avec une peau sèche de serpent, dont la tête pendoit sur ses épaules, une massue de pierre à la main, qui lui servoit de canne pour s'appuyer, & un carquois plein de flèches au côté. Une figure si extraordinaire persuada la reine qu'elle étoit morte; car elle ne croyoit pas qu'après de si grands accidens elle dût vivre encore, & parlant tout bas : je ne suis point surprise, dit-elle, qu'on ait tant de peine à se résoudre à la mort, ce qu'on voit dans l'autre monde est bien affreux. La géante qui l'écoutoit, ne put s'empêcher de rire de l'opinion où elle étoit d'être morte : Reprends tes esprits, dit-elle, sache que tu es encore au nombre des vivans : mais ton sort n'en sera guères moins triste. Je suis la fée Lionne, qui demeure proche d'ici; il faut que tu viennes passer ta vie avec moi. La reine la regarda tristement, & lui dit: si vous vouliez, madame Lionne, me ramener dans mon château, & prescrire au roi ce qu'il vous donnera pour ma rançon, il m'aime si chèrement, qu'il ne refuseroit pas même la moitié de son royaume ? Non, lui répondit-elle, je suis suffisamment riche, il m'ennuyoit depuis quelque temps d'être seule, tu as de l'esprit, peut-être que tu me divertiras. En achevant ces paroles, elle prit la figure d'une lionne, & chargeant la reine sur son dos, elle l'emporta au fond de sa terrible grotte. Dès qu'elle y fut, elle la guérit avec une liqueur dont elle la frotta.

Quelle surprise & quelle douleur pour la reine, de se voir dans cet affreux séjour! L'on y descendoit par dix mille marches, qui conduisoient jusqu'au centre de la terre; il n'y avoit point d'autre lumière que celle de plusieurs grosses lampes, qui réfléchissoient sur un lac de vif-argent. Il étoit couvert de monstres, dont les différentes figures auroient épouvanté une reine moins timide; les hibous & les chouettes, quelques corbeaux & d'autres oiseaux de sinistre augure s'y faisoient entendre; l'on appercevoit dans un lointain une montagne d'où couloient des eaux presque dormantes; ce sont toutes les larmes que les amans malheureux ont jamais versées, dont les tristes amours ont fait des réservoirs. Les arbres étoient toujours dépouillés de feuilles & de fruits, la terre couverte de soucis, de ronces & d'orties. La nourriture convenoit au climat d'un pays si maudit;

quelques racines sèches, des marrons d'Inde & des pommes d'églantier, c'est tout ce qui s'offroit pour soulager la faim des infortunés qui tomboient entre les mains de la fée Lionne.

Sitôt que la reine se trouva en état de travailler, la fée lui dit qu'elle pouvoit se faire une cabane, parce qu'elle resteroit toute sa vie avec elle. A ces mots cette princesse n'eut pas la force de retenir ses larmes: Hé! Que vous ai-je fait, s'écria-t-elle, pour me garder ici? Si la fin de ma vie, que je sens approcher, vous cause quelque plaisir, donnez- moi la mort, s'est tout ce que j'ose espérer de votre pitié; mais ne me condamnez point à passer une longue & déplorable vie fans mon époux. La Lionne se moqua de sa douleur, & lui dit qu'elle lui conseilloit d'essuyer ses pleurs, & d'essayer à lui plaire; que si elle prenoit une autre conduite, elle seroit la plus malheureuse personne du monde. Que faut-il donc faire: répliqua la reine, pour toucher votre cœur ? J'aime, lui dit-elle, les pâtés de mouche : je veux que vous trouviez le moyen d'en avoir assez pour m'en faire un très-grand & très-excellent : mais lui dit la reine, je n'en vois point ici; quand il y en auroit, il ne fait pas assez clair pour les attraper, & quand je les attraperois, je n'ai jamais fait de pâtisserie : de sorte que vous me donnez des ordres que je ne puis exécuter. N'importe, dit l'impitoyable Lionne, je veux ce que je veux.

La reine ne répliqua rien : elle pensa qu'en dépit de la cruelle fée, elle n'avoit qu'une vie à perdre, & en l'état où elle étoit, que pouvoit-elle craindre ? Au lieu donc d'aller chercher des mouches, elle s'assit sous un if, & commença ses tristes plaintes : Quelle sera votre douleur, mon cher époux, disoit-elle, lorsque vous viendrez me chercher, & que vous ne me trouverez plus ! Vous me croirez morte ou infidelle, & j'aime encore mieux que vous pleuriez la perte de ma vie que celle de ma tendresse; l'on retrouvera peut-être dans la forêt mon chariot en pièces, & tous les ornemens que j'avois pris pour vous plaire; à cette vue, vous ne douterez plus de mamort; & que fais-je si vous n'accorderez point à une autre la part que vous m'aviez donnée dans votre coeur ? Mais au moins je ne le saurai pas, puisque je ne dois plus retourner dans le monde.

Elle auroit continué long-temps à s'entretenir de cette manière, si elle n'avoit pas entendu au-dessus de sa tête le triste croassement d'un corbeau. Elle leva les yeux, & à la faveur d'un peu de lumière qui éclairoit le rivage, elle vit en effet un gros corbeau qui tenoit une grenouille, bien intentionné de la croquer. Encore que rien ne se présente ici pour me soulager, dit-elle, je ne veux pas négliger de sauver une pauvre grenouille, qui est aussi affligée en son espèce, que je le suis dans la mienne. Elle se servit du premier bâton qu'elle trouva sous sa main, & fit quitter prise au corbeau. La grenouille tomba,



resta quelque temps étourdie, reprenant ensuite ses esprits grenouilliers: belle reine, lui dit-elle, vous êtes la seule personne bienfaisante que j'aie vue en ces lieux, depuis que la curiosité m'y a conduite. Par quelle merveille parlez-vous, petite Grenouille, répondit la reine, & qui sont les personnes que vous voyez ici? Car je n'en ai encore aperçu aucune. Tous les monstres dont ce lac est couvert, reprit Grenouillette, ont été dans le monde; les uns sur le trône, les autres dans la confiance de leurs souverains, y a même des maîtresses de quelques rois, qui ont coûté bien du sang à l'état: ce font elles que vous voyez métamorphosées en sang-sues: le destin les envoie ici pour quelque temps sans qu'aucun de ceux qui y viennent retournent meilleurs & se corrigent. Je comprends bien, dit la reine, que plusieurs méchants ensemble n'aident pas à s'amender; mais à votre égard, ma commère la Grenouille, que faites vous ici ? La curiosité m'a fait entreprendre d'y venir, répliqua-t-elle; je suis demi-fée, mon pouvoir est borné en de certaines choses, & fort étendu en d'autres; si la fée Lionne me reconnoissoit dans ses états, elle me tueroit.

Comment est-il possible, lui dit la reine, que fée ou demi-fée, un corbeau ait été prêt à vous manger ? Deux mots vous le feront comprendre, répondit la grenouille; lorsque j'ai mon petit chaperon de roses sur ma tête, dans lequel consiste ma plus grande vertu, je ne crains rien; mais malheureusement je l'avois laissé dans le marécage, quand ce maudit corbeau est venu fondre sur moi : j'avoue, madame, que sans vous, je ne serois plus; & puisque je vous dois la vie, si je peux quelque chose pour le soulagement de la vôtre, vous pouvez m'ordonner tout ce qu'il vous plaira. Hélas ! ma chère Grenouille, dit la reine, la mauvaise fée qui me retient captive veut que je lui fasse un pâté de mouches; il n'y en a point ici; quand il y en auroit, on n'y voit pas assez clair pour les attraper, & je cours grand risque de mourir sous ses coups. Laissez-moi faire, dit la Grenouille, avant qu'il soit peu, je vous en fournirai. Elle se frotta aussitôt de sucre, & plus de six mille Grenouilles de ses amies en firent autant elle fut ensuite dans un endroit rempli de mouches; la méchante fée en avoit là un magasin, exprès pour tourmenter de certains malheureux. Dès qu'elles sentirent le sucre, elles s'y attachèrent, & les officieuses Grenouilles revinrent au grand galop où la reine étoit. Il n'a jamais été une telle capture de mouches, ni un meilleur pâté que celui qu'elle fit à la fée Lionne. Quand elle le lui présenta, elle en fut très-surprise, ne comprenant point par quelle adresse elle avoit pu les attraper.

La reine, qui étoit exposée à toutes les intempéries de l'air qui étoit empoisonné, coupa quelques cyprès pour commencer à bâtir sa maisonnette. La Grenouille vint lui

offrir généreusement ses services, & se mettanta la tête de toutes celles qui avoient été querir les mouches, elles aidèrent à la reine a élever un petit bâtiment, le plus joli du monde ; mais elle y fut à peine couchée, quelesmonstres du lac, jaloux de son repos, vinrentla tourmenter par le plus horrible charivarique l'on eût entendu jusqu'alors. Elle se leva toute effrayée & s'enfuit; c'est ce que les monstres demandoient. Un dragon, jadis tyran d'un des plus beaux royaumes de l'univers, en prit possession.

La pauvre reine affligée voulut s'en plaindre; mais vraiment on se moqua bien d'elle, les monftres la huèrent, & la fée Lionne lui ditque si à l'avenir elle l'étourdissoit de ses lamentations, elle la roueroit de coups. Il fallut le taire & recourir à la Grenouille, qui étoit bien la meilleure personne du monde. Elles pleurerent ensemble ; car aussitôt qu'elle avoit son chaperon de roses, elle étoit capable de rire & de pleurer tout comme un autre. J'ai lui dit-elle, une si grande amitié pour vous, que je veux recommencer votre bâtiment, quand tous les monftres du lac devroient s'en désespérer. Elle coupa sur-le-champ du bois; & le petit palais rustique de la reine se trouva fait en si peu de temps, qu'elle s'y retira la même nuit.

La Grenouille, attentive à tout ce qui étoit nécessaire à la reine, lui fit un lit de serpolet & de thim sauvage. Lorsque la méchante fée que la reine ne couchoit plus par terre, elle l'envoya querir : Quels sont donc les hommes ou les dieux qui vous protègent, lui dit-elle ? Cette terre, toujours arrosée d'une pluie de soufre & de feu, n'a jamais rien produit qui vaille une feuille de sauge; j'apprends, malgré cela, que les herbes odoriférantes croissent sous vos pas! J'en ignore la cause, madame, lui dit la reine, & si je l'attribue à quelque chose, c'est à l'enfant dont je suis grosse, qui sera peut-être moins malheureux que moi.

L'envie me prend, dit la fée, d'avoir un bouquet des fleurs les plus rares; essayez si la fortune de votre marmot vous en fournira; si elle y manque, vous ne manquerez pas de coups; car j'en donne souvent, & les donne toujours à merveille. La reine se prit à pleurer: de telles menaces ne lui convenoient guère, & l'impossibilité de trouver des fleurs la mettoit au désespoir.

Elle s'en retourna dans sa maisonnette; son amie la Grenouille y vint: Que vous êtes triste, dit-elle à la reine! Hélas ! ma chère commère, qui ne le seroit? La fée veut un bouquet des plus belles fleurs; où les trouverai-je ? Vous voyez celles qui naissent ici ; il y va cependant de ma vie, si je ne la satisfais. Aimable princesse, dit gracieusement la Grenouille, il faut tâcher de vous tirer de l'embarras où vous êtes: il y a ici une chauve-fouris, qui est la seule avec qui j'ai lié commerce; c'est une bonne créature, elle va plus

vîte que moi; je lui donnerai mon chaperon de feuilles de roses, avec ce secourselle vous trouvera des fleurs. La reine lui fit une profonde révérence; car il n'y avoit pas un moyen d'embrasser Grenouillette.

Celle-ci alla aussitôt parler à la chauve-fouris, & quelques heures après elle revint, cachant sous ses aîles des fleurs admirables. La reine les porta bien vite à la mauvaise fée, qui demeura encore plus surprise qu'elle ne l'avoit été, ne pouvant comprendre par quel miracle la reine étoit si bien servie.

Cette princesse rêvoit incessamment aux moyens de pouvoir s'échapper. Elle communiqua son envie à la bonne Grenouille, qui lui dit: madame, permettez-moi avant toutes choses, que je consulte mon petit chaperon, & nous agirons ensuite selon ses conseils. Elle le prit, l'ayant mis sur un fétu, elle brûla devant quelques brins de genièvre, descapres & deux petits pois verts; elle croassa cinq fois, puis la cérémonie finie, remettant le chaperon de roses, elle commença de parler comme un oracle.

Le destin, maître de tout, dit-elle, vous défend de sortir de ces lieux; vous y aurez une princesse plus belle que la mère des amours; ne vous mettez point en peine du reste, le tems seul peut vous soulager.

La reine baissa les yeux, quelques larmes en tombèrent; mais elle prit la résolution de croire son amie; tout au moins, lui dit-elle, ne m'abandonnez pas; soyez à mes couches, puifque je suis condamnée à les faire ici. L'honnête Grenouille s'engagea d'être sa Lucine, & la consola le mieux qu'elle put.

Mais il est temps de parler du roi. Pendant que ses ennemis le tenoient assiégé dans sa ville capitale, il ne pouvoit envoyer sans cesse des couriers à la reine : cependant ayant fait plusieurs sorties, il les obligea de se retirer, & il ressentit bien moins le bonheur de cet événement, par rapport à lui, qu'à sa chère reine, qu'il pouvoit aller querir sans crainte. Il ignoroit son désastre, aucun de ses officiers n'avoit osé l'en aller avertir. Ils avoient trouvé dans la forêt le charriot en pièces, les chevaux échappés, & toute la parure d'Amazone qu'elle avoit mise pour l'aller trouver.

Comme ils ne doutèrent point de sa mort, & qu'ils crurent qu'elle avoit été dévorée, il ne fut question entr'eux que de persuader auroi qu'elle étoit morte subitement. A ces funestes nouvelles, il pensa mourir lui-même de douleur; cheveux arrachés, larmes répandues, cris pitoyables, sanglots, soupirs & autres menus droits du veuvage, rien ne fut épargné en cette occasion.

Après avoir passé plusieurs jours sans voir personne, & sans vouloir être vu, il retourna dans sa grande ville, traînant après lui un long deuil, qu'il portoit mieux dans le cœur que dans ses habits. Tous les ambassadeurs des rois ses voisins vinrent le complimenter; & après les cérémonies qui font inséparables de ces sortes de catastrophes, il s'attacha à donner du repos à ses fujets, en les exemptant de guerre, & leur procurant un grand commerce.

La reine ignoroit toutes ces choses : le temps de ses couches arriva, elles furent très-heureuses: le ciel lui donna une petite princesse, aussi belle que Grenouille l'avoit prédit ; elles la nommèrent Moufette, & la reine avec bien de la peine obtint la permission de la fée Lionne de la nourrir; car elle avoit grande envie de la manger, tant elle étoit féroce & barbare.

Moufette, la merveille de ses jours, avoit déjà six mois; & la reine, en la regardant avec une tendresse mêlée de pitié, disoit sans cesse: ah! si le roi ton pere te voyoit, ma pauvre petite, qu'il auroit de joie, que tu lui serois chère! mais peut-être, dans ce même moment, qu'il commence à m'oublier; il nous croit ensevelies pour jamais dans les horreurs de la mort: peut-être, dis-je, qu'une autre occupe dans son coeur la place qu'il m'y avoit donnée.

Ces tristes réflexions lui coûtoient bien des larmes: la Grenouille, qui l'aimoit de bonne foi, la voyant pleurer ainsi, lui dit un jour: si vous voulez, madame, j'irai trouver le roi votre époux; le voyage est long: je chemine lentement : mais enfin un peu plutôt, ou un peu plus tard, j'espère arriver. Cette proposition ne pouvoit être plus agréablement reçue qu'elle le fut; la reine joignit ses mains, & les fit même joindre à Moufette, pour marquer à madame la Grenouille l'obligation qu'elle lui auroit d'entreprendre un tel voyage. Elle l'assura que le roi n'en seroit point ingrat: mais, continua-t-elle, de quelle utilité lui pourra-t-il être de me favoir dans ce triste séjour ? Il lui sera impossible de m'en retirer; madame, reprit la grenouille, il faut laisser ce soin aux dieux, & faire de notre côté ce qui dépend de nous.

Aussitôt elles se dirent adieu: la reine écrivit au roi avec son propre sang sur un petit morceau de linge, car elle n'avoit ni encre, ni papier. Elle le prioit de croire en toutes choses la vertueuse Grenouille qui l'alloit informer de ses nouvelles.

Elle fut un an & quatre jours à monter les dix mille marches qu'il y avoit depuis la plaine noire, où elle laissoit la reine, jusqu'à monde, & elle demeura une autre année à faire faire son équipage, car elle étoit trop fière pour vouloir paroître dans une grande cour comme une méchante Grenouillette de marécages. Elle fit faire une litière assez

grande pour mettre commodément deux oeufs; elle étoit couverte toute d'écaille de tortue en dehors, doublée en peau de jeunes lézards; elle avoit cinquante filles d'honneur; c'étoit de ces petites reines vertes qui fautillent dans les près; chacune étoit montée sur un escargot, avec une felle à l'angloise, la jambe sur l'arçon d'un air merveilleux; plusieurs rats d'eau, vêtus en pages, précédoient les limaçons, auxquels elle avoit confié la garde de sa perfonne : enfin rien n'a jamais été si joli, sur-tout son chaperon de roses merveilles, toujours fraîches & épanouies, lui séyoit le mieux du monde. Elle étoit un peu coquette de son métier, cela l'avoit obligée de mettre du rouge & des mouches; l'on dit même qu'elle étoit fardée, comme sont la plupart des dames de ce pays-là; mais la chose approfondie, l'on a trouvé que c'étoient ses ennemis qui en parloient ainsi.

Elle demeura sept ans à faire son voyage, pendant lesquels la pauvre reine souffrit des maux & des peines inexprimables ; & sans la belle Moufette qui la consolait, elle seroit morte cent & cent fois. Cette merveilleuse petite créature n'ouvrait pas la bouche, & ne disoit pas un mot qu'elle ne charmât sa mère; il n'étoit pas jusqu'à la fée Lionne qu'elle n'eût apprivoisée; & enfin au bout de six ans que la reine avoit passés dans cet horrible séjour, elle voulut bien la mener à la chasse, à condition que tout ce qu'elle tueroit seroit pour elle.

Quelle joie pour la pauvre reine de revoir le soleil! elle en avoit si fort perdu l'habitude, qu'elle en pensa devenir aveugle. Pour Moufette, elle étoit si adroite, qu'à cinq ou six ans, rien n'échappoit aux coups qu'elle tiroit ; par ce moyen, la mère & la fille adoucissoient un peu la férocité de la fée.

Grenouillette chemina par monts & parvaux, de jour & de nuit; enfin elle arriva proche de la ville capitale où le roi faisoit son séjour; elle demeura surprise de ne voir partout que des danses & des festins; on rioit, on chantoit; & plus elle approchoit de la ville, & plus elle trouvoit de joie & de jubilation. Son équipage marécageux surprenoit tout le monde: chacun la suivoit; & la foule devint si grande lorsqu'elle entra dans la ville, qu'elle eut beaucoup de peine à parvenir jusqu'au palais; c'est en ce lieu que tout étoit dans la magnificence. Le roi, veuf depuis neuf ans, s'étoit enfin laissé fléchir aux prières de ses sujets; il alloit se marier à une princesse moins belle à la vérité que sa femme, qui ne laissoit pas d'être fort agréable.

La bonne Grenouille étant descendue de sa litière, entra chez le roi, suivie de tout son cortège. Elle n'eut pas besoin de demander audience: le monarque, sa fiancée & tous les princes avoient trop d'envie de savoir le sujet de sa venue pour l'interrompre :

Sire, dit-elle, je ne sais si la nouvelle que je vous apporte vous donnera de la joie ou de la peine; les noces que vous êtes sur le point de faire me persuadent votre infidélité pour la reine. Son souvenir m'est toujours cher, dit le roi (en versant quelques larmes qu'il ne put retenir): mais il faut que vous sachiez, gentille Grenouille, que les rois ne sont pas toujours ce qu'ils veulent; il y a neuf ans que mes sujets me pressent de me remarier; je leur dois des héritiers : ainsi j'ai jeté les yeux sur cette jeune princesse qui me paroît toute charmante. Je ne vous conseille pas de l'épouser, car la polygamie est un cas pendable: la reine n'est pas morte; voici une lettre écrite de son sang, dont elle m'a chargée : vous avez une petite princesse, Moufette, qui est plus belle que tous les cieux ensemble.

Le roi prit le chiffon où la reine avoit griffonné quelques mots, il le baisa, il l'arrosa de ses larmes, il le fit voir à toute l'assemblée, disant qu'il reconnoissoit fort bien le caractère de sa femme, il fit mille questions à la Grenouille, auxquelles elle répondit avec autant d'esprit que de vivacité. La princesse fiancée, & les ambassadeurs, chargés de célébrer son mariage, faisoient laide grimace: comment, sire, dit le plus célèbre d'entr'eux, pouvez-vous sur les paroles d'une crapaudine comme celle-ci, rompre un hymen si solennel ? Cette écume de marécage a l'insolence de venir mentir à votre cour & goûte le plaisir d'être écoutée! Monsieur l'ambassadeur, répliqua la Grenouille, sachez que je ne suis point écume de marécage, & puisqu'il faut ici étaler ma science, allons fées & féos, paraissez. Toutes les grenouillettes, rats, escargots, lézards, & elle à leur tête parurent en effet; mais ils n'avoient plus la figure de ces petits vilains animaux, leur taille étoit haute & majestueuse, leur visage agréable, leurs yeux plus brillans que les étoiles, chacun portoit une couronne de pierreries sur sa tête, & sur ses épaules un manteau royal, de velours doublé d'hermine, avec une longue queue, que des nains & des naines portoient. En même temps, voici des trompettes, tymbales, hautbois & tambours qui percent les nues par leurs sons agréables & guerriers: toutes les fées & féos commencèrent un ballet silégalement dansé, que la moindre gambadeles élevoit jusqu'à la voute du sallon. Le roi attentif & la future reine n'étoient moins surpris l'un que l'autre, quand ils virent tout d'un coup ces honorables baladins métamorphosés en fleurs, qui ne baladinoient pasmoins, jasmins, jenuilles, violettes, œillets & tubéreuses, que lorsqu'ils étoient pourvus de jambes & de pieds. C'étoit un parterre animé, dont tous les mouvemens réjouissoient autant l'odorat que la vue.

Un instant après, les fleurs disparurent; plusieurs fontaines prirent leurs places ; elles s'élevoient rapidement, & retomboient dans un large canal qui se forma au pied du

château ; il étoit couvert de petites galères peintes & dorées, si jolies & si galantes, que la princesse convia ses ambassadeurs d'y entrer avec elle pour s'y promener. Ils le voulurent bien, comprenant que tout cela n'étoit qu'un jeu qui se termineroit enfin par d'heureuses noces.

Dès qu'ils furent embarqués, la galère, le fleuve & toutes les fontaines disparurent; les grenouilles redevinrent grenouilles. Le roi demanda où étoit sa princesse; la Grenouille repartit : sire, vous n'en devez point avoir d'autre que la reine votre épouse; si j'étois moins de ses amies, je ne me mettrois pas en peine du mariage que vous étiez sur le point de faire, mais elle a tant de mérite, & votre fille Moufette est si aimable, que vous ne devez pas perdre un moment à tâcher de les délivrer. Je vous avoue, madame la Grenouille, dit le roi, que si je ne croyois pas ma femme morte, il n'y a rien au monde que je ne fisse pour la r'avoir. Après les merveilles que j'ai faites devant vous, répliqua-t-elle, il me semble que vous devriez être persuadé de ce que je vous dis : laissez votre royaume avec de bons ordres; & ne différez pas à partir. Voici une bague qui vous fournira les moyens de voir la reine, & de parler à la fée Lionne, quoiqu'elle soit la plus terrible créature qui soit au monde.

Le roi ne voulant plus la princesse qui lui étoit destinée, s'affoiblissoit fort, & qu'au contraire, celle qu'il avoit eue pour la reine prenoit de nouvelles forces.

Il partit sans vouloir être accompagné de personne, & fit des présens très-considerables à la Grenouille: ne vous découragez point, lui dit-elle, vous aurez de terribles difficultés à surmonter; mais j'espère que vous réussirez dans ce que vous souhaitez.

Le roi, consolé par ces promesses, ne prit point d'autres guides que sa bague pour aller trouver sa chère reine. A mesure que Moufette grandissoit, sa beauté se perfecciónnoit si fort, que tous les monstres du lac de vif-argent en devinrent amoureux; l'on voyoit des dragons d'une figure épouvantable, qui venoient ramper à ses pieds. Bien qu'elle les eût toujours vus, ses beaux yeux ne pouvoient s'y accoutumer, elle fuyoit & se cachoit entre les bras de sa mère; serons-nous long-temps ici, lui disoit-elle? Nos malheurs ne finiront-ils point? La reine lui donnoit de bonnes espérances pour la consoler; mais dans le fond elle n'en avoit aucune; l'éloignement de la Grenouille, son profond silence, tant de temps passé sans avoir aucunes nouvelles du roi; tout cela, dis-je, l'affligeoit à l'excès.

La fée Lionne s'accoutuma peu-à-peu à les mener à la chasse; elle étoit friande; elle aimoit le gibier qu'elles lui tuoient, toute récompense, elle leur en donnoit les pieds

ou la tête; mais c'étoit même beaucoup de leur permettre de revoir encore la lumière du jour. Cette fée prenoit la figure d'une lionne; la reine & sa fille s'asséyoient sur elle, & couroient ainsi les forêts.

Le roi, conduit par sa bague, s'étant arrêté dans une forêt, les vit passer comme un trait qu'on décoche; il n'en fut pas aperçu; mais voulant les suivre, elles disparurent absolument à ses yeux.

Malgré les continuelles peines de la reine, sa beauté ne s'étoit point altérée; elle lui parut plus aimable que jamais. Tous ses feux le rallumèrent; & ne doutant pas que la jeune princesse qui étoit avec elle ne fût sa chère Moufette, il résolut de périr mille fois, plutôt que d'abandonner le dessein de les ravoit.

L'officieuse bague le conduisit dans l'obscur séjour où étoit la reine depuis tant d'années: il n'étoit pas médiocrement surpris de descendre jusqu'au fond de la terre, mais tout ce qu'il y vit l'étonna bien davantage. La fée Lionne qui n'ignoroit rien, savoit le jour & l'heure qu'il devoit arriver: que n'auroit-elle pas fait pour que le destin d'intelligence avec elle en eût ordonné autrement ? Mais elle résolut au moins de combattre son pouvoir de tout le sien.

Elle bâtit au milieu du lac de vif-argent un palais de crystal, qui voguoit comme l'onde; elle y renferma la pauvre reine & sa fille; ensuite elle harangua tous les monstres qui étoient amoureux de Moufette: vous perdrez cette belle princesse, leur dit-elle, si vous ne vous intéressez avec moi à la défendre contre un chevalier qui vient pour l'enlever. Les monstres promirent de ne rien négliger de ce qu'ils pouvoient faire; ils entourèrent le palais de crystal; les plus légers se placèrent sur le toit & sur les murs; les autres aux portes, & le reste dans le lac.

Le roi étant conseillé par sa fidelle bague, fut d'abord à la caverne de la fée; elle l'attendoit sous la figure de Lionne. Dès qu'il parut, elle se jeta sur lui: il mit l'épée à la main avec une valeur qu'elle n'avoit pas prévue; & comme elle allongeoit sa patte pour le terrasser, il la lui coupa à la jointure, c'étoit justement au coude. Elle poussa un grand cri, & tomba; il s'approcha d'elle, il lui mit le pied sur la gorge, il lui jura par sa foi qu'il l'alloit tuer; & malgré son invulnérable furie, elle ne laissa pas d'avoir peur. Que me veux-tu, lui dit-elle, que me demandes-tu? Je veux te punir, répliqua-t- il fièrement, d'avoir enlevé ma femme; & je veux t'obliger à me la rendre, ou je t'étranglerai tout-à-l'heure, jette les yeux sur ce lac, dit-elle, vois si elle est en mon pouvoir. Le roi regarda



du côté qu'elle lui montrait, il vit la reine & sa fille dans le château de crystal, qui voguoit sans rames & sans gouvernail, comme une galère, sur le vif-argent.

Il pensa mourir de joie & de douleur: il les appela de toute sa force, & il en fut entendu; mais où les joindre? Pendant qu'il en cherchoit le moyen, la fée Lionne disparut.

Il couroit le long des bords du lac: quand il étoit d'un côté prêt à joindre le palais transparent, il s'éloignoit d'une vitesse épouvantable; & ses espérances étoient toujours ainsi déçues. La reine, qui craignoit qu'à la fin il ne se lassât, lui crioit de ne point perdre courage, que la fée Lionne vouloit le fatiguer; mais qu'un véritable amour ne peut être rebuté par aucunes difficultés. Là-dessus, elle & Moufette lui tendoient les mains, prenoient des manières suppliantes. A cette vue, le roi se sentoit pénétré de nouveaux traits; il élevoit la voix; il juroit par le Styx & l'Achéron de passer plutôt le reste de sa vie dans ces tristes lieux, que d'en partir sans elles.

Il falloit qu'il fût doué d'une grande persévérance : il passoit aussi mal son temps que roi du monde; la terre, pleine de ronces & couverte d'épines, lui servoit de lit; il ne mangeoit que des fruits sauvages, plus amers que du fiel, & il avoit sans cesse des combats à soutenir contre les monstres du lac. Un mari qui tient cette conduite pour r'avoir sa femme, est assurément du temps des fées, & son procédé marque assez l'époque de mon conte.

Trois années s'écoulerent sans que le roi eût lieu de se promettre aucuns avantages; il étoit presque désespéré; prit cent fois la résolution de se jeter dans le lac; & il l'auroit fait s'il avoit pu envisager ce dernier coup comme un remède aux peines de la reine & de la princesse. Il couroit à son ordinaire, tantôt d'un côté, tantôt d'un autre, lorsqu'un dragon affreux l'appela, & lui dit : si vous voulez me jurer par votre couronne & par votre sceptre, par votre manteau royal, par votre femme & votre fille, de me donner un certain morceau à manger, dont je suis friand, & que je vous demanderai lorsque j'en aurai envie, je vais vous prendre sur mes aîles, & malgré tous les monstres qui couvrent ce lac, & qui gardent ce château de crystal, je vous promets que nous retirerons la reine & la Princesse Moufette.

Ah! cher dragon de mon ame, s'écria le roi, je vous jure, & à toute votre dragonienne espèce, que je vous donnerai à manger tout votre saoul, & que je resterai à jamais votre petit serviteur. Ne vous engagez pas, répliqua le dragon, si vous n'avez envie de me tenir parole; car il arriveroit des malheurs si grands, que vous vous en souviendriez le reste de votre vie. Le roi redoubla ses protestations; il mouroit

d'impatience de délivrer sa chère reine; il monta sur le dos du dragon, comme il auroit fait sur le plus beau cheval du monde: en même temps les monstres vinrent au-devant de lui pour l'arrêter au passage; ils se battent, l'on n'entend que le sifflement aigu des serpens, l'on ne voit que du feu, le soufre & le salpêtre tombent pêle-mêle; enfin le roi arrive au château; les efforts s'y renouvellent; chauves-fouris, hibous, corbeaux, tout lui en défend l'entrée; mais le dragon avec ses griffes, ses dents & sa queue, mettoit en pièces les plus hardis. La reine de son côté, qui voyoit cette grande bataille, casse ses murs à coup de pied, & des morceaux, elle en fait des armes pour aider à son cher époux; ils furent enfin victorieux, ils se joignirent, & l'enchantement s'acheva par un coup de tonnerre qui tomba dans le lac, & qui le tarit.

L'officieux dragon étoit disparu comme tous les autres; & sans que le roi pût deviner par quel moyen il avoit été transporté dans sa ville capitale, il s'y trouva avec la reine & Moufette, assis dans un salon magnifique, vis-à-vis d'une table délicieusement servie. Il n'a jamais été un étonnement pareil au leur, ni une plus grande joie. Tous leurs sujets accoururent pour voir leur souveraine & la jeune princesse, qui, par une suite de prodiges, étoit si superbement vêtue, qu'on avoit peine à soutenir l'éclat de ses pierreries.

Il est aisé d'imaginer que tous les plaisirs occupèrent cette belle cour: l'on y faisoit des mascarades, des courses de bagues, des tournois, qui attiroient les plus grands princes du monde; & les beaux yeux de Moufette les arrêtoient tous. Entre ceux qui parurent les mieux faits & les plus adroits, le prince Moufy emporta par-tout l'avantage; l'on n'entendoit que des applaudissemens; chacun l'admiroit, & la jeune Moufette, qui avoit été jusqu'alors avec les serpens & les dragons du lac, ne put s'empêcher de rendre justice au mérite de Moufy; il ne se passoit aucun jour sans qu'il fit des galanteries nouvelles pour lui plaire, car il l'aimoit passionnément; & s'étant mis sur les rangs pour établir ses prétentions, il fit connoître au roi & à la reine que sa principauté étoit d'une beauté & d'une étendue qui méritoit bien une attention particulière.

Le roi lui dit que Moufette étoit maîtresse de se choisir un mari, & qu'il ne la vouloit contraindre en rien, qu'il travaillât à lui plaire, que c'étoit l'unique moyen d'être heureux. Le prince fut ravi de cette réponse, il avoit connu en plusieurs rencontres qu'il ne lui étoit pas indifférent; & s'en étant enfin expliqué avec elle, elle lui dit que s'il n'étoit pas son époux, elle n'en auroit jamais d'autre. Moufy, transporté de joie, se jeta à

ses pieds, & la conjura dans les termes les plus tendres de se souvenir de la parole qu'elle lui donnoit.

Il courut aussitôt dans l'appartement du roi & de la reine; il leur rendit compte des progrès que son amour avoit fait sur Moufette, & les supplia de ne plus différer son bonheur. Ils y consentirent avec plaisir. Le prince Moufy avoit de si grandes qualités, qu'il sembloit être seul digne de posséder la merveilleuse Moufette. Le roi voulut bien les fiancer avant qu'il retournât à Moufy, où il étoit obligé d'aller donner des ordres pour son mariage; mais il ne seroit plutôt jamais parti, que de s'en aller sans des assurances certaines d'être heureux à son retour. La princesse Moufette ne put lui dire adieu sans répandre beaucoup de larmes; elle avoit je ne sais quels pressentimens qui l'affligeoient; & la reine voyant le prince accablé de douleur, lui donna le portrait de sa fille, le priant, pour l'amour d'eux tous, que l'entrée qu'il alloit ordonner ne fût plutôt pas si magnifique, & qu'il tardât à revenir. Il lui dit: Madame, je n'ai jamais tant pris de plaisir à vous obéir, que j'en aurai dans cette occasion; mon coeur yest trop intéressé pour que je néglige ce qui peut me rendre heureux.

Il partit en poste; & la princesse Moufette, en attendant son retour, s'occupoit de la musique & des instrumens qu'elle avoit appris à toucher depuis quelques mois, & dont elle s'acquittoit merveilleusement bien. Un jour qu'elle étoit dans la chambre de la reine, le roi yentra, le visage tout couvert de larmes, prenant sa fille entre ses bras : O! mon enfant, s'écria-t-il , O! père infortuné! O! malheureux roi! Il n'en put dire davantage: les soupirs coupèrent le fil de sa voix; la reine & la princesse, épouvantées, lui demandèrent

ce qu'il avoit; enfin il leur dit, qu'il venoit d'arriver un géant d'une grandeur démesurée, qui se disoit ambassadeur du dragon du lac, lequel, fuivant la promesse qu'il avoit exigée du roi pour lui aider à combattre & à vaincre les monstres, venoit demander la princesse Moufette, afin de la manger en pâté; qu'il s'étoit engagé par des sermens épouvantables de lui donner tout ce qu'il voudroit; & en ce temps-là on ne savoit pas manquer à sa parole.

La reine, entendant ces tristes nouvelles, poussa des cris affreux, & s'erra la princesse entre ses bras : l'on m'arracheroit plutôt la vie, dit-elle, que de me résoudre à livrer ma fille à ce monstre; qu'il prenne notre royaume & tout ce que nous possédons. Père dénaturé, pourriez-vous donner les mains à une si grande barbarie ? Quoi ! mon enfant seroit mis en pâté! Ha! je n'en peux soutenir la pensée: envoyez-moi ce barbare ambassadeur; peut-être que mon affliction le touchera.

Le roi ne répliqua rien : il fut parler au géant, & l'amena ensuite à la reine, qui se jeta à ses pieds, elle & sa fille, le conjurant d'avoir pitié d'elles, & de persuader au dragon de prendre tout ce qu'elles avoient, & de sauver la vie à Moufette; mais il leur répondit que cela ne dépendoit point du tout de lui, & que le dragon étoit trop opiniâtre & trop friand; que lorsqu'il avoit en tête de manger quelque bon morceau, tous les dieux ensemble ne lui en ôteroient pas l'envie; qu'il leur conseilloit en ami de faire la chose de bonne grâce, parce qu'il en pourroit encore arriver de plus grands malheurs. A ces mots la reine s'évanouit, & la princesse en auroit fait autant, s'il n'eût fallu qu'elle secourût sa mère.

Ces tristes nouvelles furent à peine répandues dans le palais, que toute la ville le fut, & l'on n'entendoit que des pleurs & des gémissemens, car Moufette étoit adorée. Le roi ne pouvoit se résoudre à la donner au géant; & le géant, qui avoit déjà attendu plusieurs sours, commençoit à se lasser, & menaçoit d'une manière terrible. Cependant le roi & la reine disoient : que peut-il nous arriver depuis ? Quand le dragon du lac viendrait nous dévorer, nous ne serions pas plus affligés; si l'on met notre Moufette en pâté, nous sommes perdus. Là-dessus le géant leur dit qu'il avoit reçu des nouvelles de son maître, & que si la princesse vouloit épouser un neveu qu'il avoit, il consentoit à la laisser vivre; qu'au reste, ce neveu étoit beau & bien fait, qu'il étoit prince, & qu'elle pourroit vivre fort contente avec lui.

Cette proposition adoucit un peu la douleur de leurs majestés; la reine parla à la princesse, mais elle la trouva beaucoup plus éloignée de ce mariage que de la mort: je ne suis point capable, lui dit-elle, madame, de conserver ma vie par une infidélité; vous m'avez promise au prince Moufy, je ne serai jamais à d'autre : laissez-moi mourir : la fin de vie assurera le repos de la vôtre. Le roi survint: il dit à sa fille tout ce que la plus forte tendresse peut faire imaginer : elle demeura ferme dans ses sentimens; & pour conclusion, il fut résolu de la conduire sur le haut d'une montagne, où le dragon du lac la devoit venir prendre.

L'on prépara tout pour ce triste sacrifice; jamais ceux d'Iphigénie & de Psyché n'ont été si lugubres: l'on ne voyoit que des habits noirs, des visages pâles & consternés. Quatre cent jeunes filles de la première qualité s'habillèrent de longs habits blancs, & se couronnèrent de cyprès pour l'accompagner : on la portoit dans une litière de velours noir découverte, afin que tout le monde vît ce chef d'œuvre des dieux; ses cheveux étoient épars sur ses épaules, rattachés de crêpes, & la couronne qu'elle avoit sur sa tête

étoit de jasmins, mêlés de quelques soucis. Elle ne paroissoit touchée que de la douleur du roi & de la reine, qui la suivoient accablés de la plus profonde tristesse : le géant, armé de toutes pièces, marchoit à côté de la litière où étoit la princesse; & la regardant d'un œil avide, il sembloit qu'il étoit assuré d'en manger sa part; l'air retentissoit de soupirs & de sanglots; le chemin étoit inondé des larmes que l'on répandoit.

Ha! Grenouille, Grenouille, s'écrioit la reine, vous m'avez bien abandonnée! hélas, pourquoi me donniez-vous votre secours dans la sombre plaine, puisque vous me le déniez à présent? Que je serois heureuse d'être morte alors! je ne verrois pas aujourd'hui toutes mes espérances déçues ! je ne verrois pas, dis-je, ma chère Moufette sur le point d'être dévorée.

Pendant qu'elle faisoit ces plaintes, l'on avançoit toujours, quelque lentement qu'on marchât; & enfin l'on se trouva au haut de la fatale montagne. En ce lieu, les cris & les regrets redoublèrent d'une telle force, qu'il na jamais rien été de si lamentable; le géant convia tout le monde de faire ses adieux & de se retirer. Il falloit bien le faire, car en ce temps-là on étoit fort simple, & on ne cherchoit des remèdes à rien.

Le roi & la reine s'étant éloignés, montèrent sur une autre montagne avec toute leur cour, parce qu'ils pouvoient voir de-là ce qui alloit arriver à la princesse; & en effet ils ne restèrent pas long-temps sans apercevoir en l'air un dragon qui avoit près d'une demi-lieue de long; bien qu'il eût six grandes aîles, ne pouvoit presque voler, tant son corps étoit pesant, tout couvert de grosses écailles bleues, & de longs dards enflammés; sa queue faisoit cinquante tours & demi ; chacune de ses griffes étoit de la grandeur d'un moulin à vent, & l'on voyoit dans sa gueule béante trois rangs de dents aussi longues que celle d'un éléphant.

Mais pendant qu'il s'avançoit peu-à-peu, la chère & fidelle Grenouille, montée sur un épervier, vola rapidement vers le prince Moufy. Elle avoit son chaperon de roses; & quoiqu'il fût enfermé dans son cabinet, elle y entra sans clef: que faites-vous ici, amant infortuné, lui dit-elle ? Vous rêvez aux beautés de Moufette, qui est dans ce moment exposée à la plus rigoureuse catastrophe, voici donc une feuille de rose : en soufflant dessus, j'en fais un cheval rare, comme vous allez voir. Il parut aussitôt un cheval tout vert; il avoit douze pieds & trois têtes; l'une jetoit du feu, l'autre des bombes, & l'autre des boulets de canon. Elle lui donna une épée qui avoit dix-huit aunes de long, & qui étoit plus légère qu'une plume; elle le revêtit d'un seul diamant, dans lequel il entra comme dans un habit, & bien qu'il fût plus dur qu'un rocher, il étoit si maniable, qu'il ne le gênoit en rien : partez, lui dit-elle, courez, à la défense de ce que vous aimez;

le cheval vert que je vous donne, vous mènera où elle est, quand vous l'aurez délivrée, faites-lui entendre la part que j'y ai.

Généreuse fée, s'écria le prince, je ne puis à présent vou témoigner toute ma reconnaissance; mais je me déclare pour jamais votre esclave très-fidelle. Il monta sur le cheval aux trois têtes, aussitôt il se mit à galopper avec ses douze pieds, & faisoit plus de diligence que trois des meilleurs chevaux, de sorte qu'il arriva en peu de temps au haut de la montagne, où il vit sa chère princesse toute seule, & l'affreux dragon qui s'en approchoit lentement. Le cheval vert se mit à jeter du feu, des bombes & des boulets de canon, qui ne surprirent pas médiocrement le monstre; il reçut vingt coups de ces boulets dans la gorge, qui entamèrent un peu les écailles; & les bombes lui crevèrent un œil. Il devint furieux, & voulut se jeter sur le prince; mais l'épée de dix-huit aunes étoit d'une si bonne trempe, qu'il la manioit comme il vouloit, la lui enfonçant quelquefois jusqu'à la garde, ou s'en servant comme d'un fouet. Le prince n'auroit pas laissé de sentir l'effort de ses griffes, sans l'habit de diamant qui étoit impénétrable.

Moufette l'avoit reconnu de fort loin, car le diamant qui le couvroit étoit fort brillant & clair, de sorte qu'elle fut saisie de la plus mortelle appréhension dont une maîtresse puisse être capable; mais le roi & la reine commencèrent à sentir dans leur coeur quelques rayons d'espérance, car il étoit fort extraordinaire de voir un cheval à trois têtes, à douze pieds, qui jetoit feu & flammes, & un prince dans un étui de diamans, armé d'une épée formidable, venir dans un moment si nécessaire, & combattre avec tant de valeur. Le roi mit son chapeau sur sa canne, & la reine attacha son mouchoir au bout d'un bâton, pour faire des signes au prince, & l'encourager. Toute leur suite en fit autant. En vérité, il n'en avoit pas besoin, son coeur tout seul & le péril où il voyoit sa maîtresse, suffisoient pour l'animer.

Quels efforts ne fit-il point! la terre étoit couverte de dards, des griffes, des cornes, des aîles & des écailles du dragon; son sang couloit par mille endroits, il étoit tout bleu & celui du cheval tout vert; ce qui faisoit une nuance singulière sur la terre. Le prince tomba cinq fois, il se releva toujours, prenoit son temps pour remonter sur son cheval, & puis c'étoit des canonades & des feux grégeois qui n'ont jamais rien eu de semblable: enfin le dragon perdit ses forces, il tomba, & le prince lui donna un coup dans le ventre qui lui fit une épouvantable blessure; mais, ce qu'on aura peine à croire, & qui est pourtant aussi vrai que le reste du conte, c'est qu'il sortit par cette large blessure, un prince le plus beau & le plus charmant que l'on ait jamais vu; son habit étoit de velours bleu à fond d'or, tout brodé de perles; il avoit sur la tête un petit morion à la

grecque, ombragé de plumes blanches. Il accourut les bras ouverts, embrassant le prince Moufy : que ne vous dois-je pas, mon généreux libérateur, lui dit-il! vous venez de me délivrer de la plus affreuse prison où jamais un souverain puisse être renfermé : j'y avois été condamné par la fée Lionne : il y a seize ans, que j'y languis; & son pouvoir étoit tel, que malgré ma propre volonté, elle me forçoit à dévorer cette belle princesse : menez-moi à ses pieds, pour que je lui explique mon malheur.

Le prince Moufy, surpris & charmé d'une aventure si étonnante, ne voulut céder en rien aux civilités de ce prince; ils se hâtèrent de joindre la belle Moufette, qui rendoit de son côté mille grâces aux dieux pour un bonheur si inespéré. Le roi, la reine & toute la cour étoient déjà auprès d'elle ; chacun parloit à la fois, personne ne s'entendoit, l'on pleuroit presque autant de joie, que l'on avoit pleuré de douleur. Enfin, pour que rien ne manquât à la fête, la bonne Grenouille parut en l'air, montée sur un épervier qui avoit des sonnettes d'or aux pieds. Lorsqu'on entendit drelin dindin, chacun leva les yeux; l'on vit briller le chaperon de roses commeun soleil, & la Grenouille étoit aussi belle quel'aurore. La reine s'avança vers elle, & la prit par une de ses petites pattes; aussitôt la sage Grenouille fe métamorphosa, & parut comme une grande reine; son visage étoit le plus agréable du monde : je viens, s'écria-t-elle, pour couronner la fidélité de la princesse Moufette, elle a mieux aimé exposer savie que de changer; cet exemple est rare dans le siècle où nous sommes, mais il le sera bien davantage dans les siècles à venir. Elle prit aussitôt deux couronnes de myrthes qu'elle mit fur la tête des deux amans qui s'aimoient, & frappant trois coups de sa baguette, l'on vit tous les os du dragon s'élevèrent pour former un arc de triomphe, en mémoire de la grande aventure qui venoit de se passer.

Ensuite cette belle & nombreuse troupe s'achemina vers la ville, chantant hymen & hyménée, avec autant de gaîté, qu'ils avoient célébré tristement le sacrifice de la princesse. Ses nûces ne furent différées que jufqu'au lendemain; il est aisé de juger de la joie qui les accompagna.

## REFERENCIAS

GÉNÈVE. *Le cabinet des fées, ou Collection choisie des contes des fées et autres contes merveilleux.* Tome 3, 1785-1786, p. 327-368. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65806332/f13.image.r=serpentin%20vert%20madame%20d'aulnoy.double>. Acesso em: 15 fev. 2020.